

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

NAFTALE KATZ
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - A biotecnologia em saúde no Brasil

Entrevistado – Naftale Katz (NK)

Entrevistadores – Nara Azevedo (NA) e Luis Otávio Ferreira (LF)

Data – 16/04/1996

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 4 fitas cassete (3h08min)

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

KATZ, Naftale. *Naftale Katz. Entrevista de história oral concedida ao projeto A biotecnologia em saúde no Brasil*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 86p.

Sumário

Fita 1

Origem familiar; breve relato sobre a história de sua família e profissão de seu pai; considerações sobre sua militância política; breves comentários sobre as tradições judaicas de sua família; considerações sobre o governo de Juscelino Kubitschek; a militância dentro da universidade; o desejo em participar de ações sociais ainda quando era estudante universitário; as dificuldades financeiras durante o curso universitário; a opção pela carreira de medicina; os estudos sobre esquistossomose no 4º ano de medicina; o primeiro contato com o INERu; breve comentário sobre a proposta para ir trabalhar com José Pelegrino no INERu; a bolsa da CAPES para trabalhar no Centro de Pesquisa René Rachou; breve histórico sobre o DENERu e o INERu; as dificuldades para conseguir equipamentos e verbas para pesquisa; o programa estratégico de pesquisa do CNPq para doenças endêmicas em 1970; a criação do PIDE; considerações sobre a área de pesquisa em doenças endêmicas; considerações sobre a saúde nos governos militares; os estudos sobre doença de Chagas realizados por Amilcar Vianna Martins; o trabalho de Emanuel Dias em pesquisa sobre doença de Chagas; o trabalho de José Pelegrino; o reconhecimento do trabalho de José Pelegrino; breve comentário sobre a vida e morte de José Pelegrino; considerações sobre o trabalho no campo da medicina.

Fita 2

Continuação dos comentários sobre o campo da medicina; breve comentário sobre as carreiras de pesquisa na área médica; o convite para fazer pesquisas em esquistossomose; a saída da UFMG e o trabalho no René Rachou; o convite para trabalhar no hospital da polícia militar; a opção em não fazer pós-graduação; a saída de José Pelegrino do Centro de Pesquisa René Rachou e sua posse como chefe de laboratório no lugar de Pelegrino; o convênio do Centro de Pesquisa René Rachou e a UFMG; o primeiro grupo de pesquisadores do René Rachou; considerações sobre as discussões referentes à incorporação do René Rachou à Fiocruz; perfil de Celso Arcoverde; perfil de Amilcar Vianna Martins e seu trabalho no René Rachou; perfil, filiação partidária e o trabalho de Zigman Brener; breve comentário sobre as ações de Vinícius da Fonseca durante sua gestão como presidente de Fiocruz; o papel de Aluizio Prata na implantação do PIDE; comentários sobre os objetivos do PIDE nos governos militares; breves considerações sobre os principais trabalhos de sua carreira; a influência de José Pelegrino em sua carreira; breves considerações sobre seu trabalho em pesquisa clínica; comentários sobre os seus primeiros ensaios clínicos realizados em conjunto com José Pelegrino; a influência de José Rodrigues da Silva no Ministério da Saúde; a importância das publicações realizadas em co-autoria com José Pelegrino para sua formação profissional; seus estudos sobre epidemiologia; observações sobre o desenvolvimento do método de diagnóstico Kato-Katz em esquistossomose; o interesse pelas pesquisas em esquistossomose; os centros colaboradores para pesquisas em esquistossomose da Fiocruz indicados pela OMS; o programa integrado de esquistossomose da Fiocruz.

Fita 3

Continuação dos comentários sobre a criação dos centros colaboradores de esquistossomose da OMS/Fiocruz; a verba recebida da OMS para os centros colaboradores da esquistossomose; o Programa de Esquistossomose da Fiocruz e as perspectivas de trabalho na área; considerações sobre o PIDE; a verba para pesquisas em doença de Chagas; as perspectivas de pesquisa do grupo de esquistossomose; os profissionais da área de esquistossomose; comentários sobre o TDR; o perfil dos funcionários que trabalham em seu laboratório; comparação das administrações de Vinícius da Fonseca e de Guilardo Martins Alves à frente da presidência da Fiocruz; a gestão de Sérgio Arouca na Fiocruz; o fim do PIDE; considerações sobre a biotecnologia e o mercado nacional; comentários sobre a questão das patentes na Fiocruz; considerações sobre o relatório que fez para o TDR; a ida para o TDR.

Fita 4

Comentários sobre o grupo de pesquisa em esquistossomose da Fiocruz; breves comentários sobre as reuniões no CNPq para liberação de verbas de pesquisa; a questão da fabricação de vacinas no Brasil; breve comentário sobre o comitê de esquistossomose do CNPq e o fim deste comitê; novas perspectivas em pesquisa com *Schistosoma mansoni*; a questão das patentes e direitos autorais na Fiocruz; as pesquisas com o Sm14; a criação do laboratório de biologia molecular; a produtividade do Centro de Pesquisa René Rachou em relação ao IOC; o curso de biologia molecular do IOC; considerações sobre sua gestão à frente do Centro de Pesquisa René Rachou.

Data: 16/04/1996

Fita 1 - Lado A

NA - Dia 16 de abril de 1996 - entrevista com o doutor Naftale Katz, Diretor do Centro [de Pesquisas] René Rachou. Dr. Naftale, eu gostaria de começar a nossa entrevista o senhor contando um pouco sobre onde o senhor nasceu, quando, se não for muito indiscreto (*risos*). E quem eram os seus pais?

NK - Bom, eu nasci no dia 13 de junho de 1940, em Belo Horizonte e meus pais vieram da Polônia em 30. Meu pai da (inaudível), que é uma região muito conturbada entre Polônia e Rússia. Ora era Polônia, ora era Rússia. Veio para cá depois trouxe minha mãe e se casou aqui e foi morar em Curitiba viajar muito pelo Brasil. Ele veio para Belo Horizonte onde se fixou e aí eu nasci lá em Belo Horizonte.

NA - Qual era a profissão do seu pai?

NK - Meu pai era comerciante.

NA - Lá também?

NK - Não, lá ele... É uma boa pergunta, lá ele não tinha praticamente profissão, que era proibido os judeus de terem qualquer... Primeiro o estudo, tinha número fechado nas universidades eram chamados *números clauses* que não permitiam que estudassem, não permitia que tivesse terra. Você não podia comprar, na Polônia durante séculos os judeus não podiam comprar terra. Então, na realidade o que se podia fazer era as profissões de alfaiate, carpinteiro, sapateiro e vindo... Artesanato podia, as coisas manuais podia ou ser vendedor, ser comerciante, era o que, permitido. Meu pai tinha um sítio, que o avô dele tinha um sítio, onde ele trabalhava no sítio, mas não tinha condição econômica suficiente para sobreviver e quando começaram a aparecer as perseguições dos *progrom*, que eram chamados, as perseguições contra os judeus, aí a família dele toda saiu, com exceção de um irmão que ficou e aí na Segunda Guerra, em 39, ele morreu, mas os irmãos todos vieram para cá e trouxeram os pais depois, meus avós.

NA - Você falou a data da imigração?

NK - Começou na década de 30. Veio ele primeiro depois veio trazendo os outros irmãos até que depois veio o pai e a mãe dele, meus avós.

NA - Quer dizer que a família toda imigrou.

NK - É, com exceção de um irmão que morreu na guerra, por parte dele. Da parte da minha mãe já foi diferente, vieram muito poucos. Vieram uma irmã e um irmão, o resto morreu tudo, ou de fome ou em campos de concentração e só um irmão que sobreviveu foi para a Rússia depois da guerra e da Rússia foi para os Estados Unidos, e esse era um rabino, escrevia Torá, a Bíblia e morreu já com idade bem avançada nos Estados Unidos, mas só um irmão e em Belo Horizonte vieram a irmã e um irmão.

NA - A imigração qual motivo foi?

NK - Por causa da perseguição aos judeus na década de 30 que já tinha em toda a Alemanha, Polônia, Rússia, isso começou no... Então era violento e eles sabiam que... Isso era a primeira coisa e o segundo era o sonho da América, descobrir a América, porque a América era o paraíso. Agora quando eles chegavam no Brasil eles tinham uma decepção total, um susto tremendo, mas com o passar dos anos, por exemplo, eu lembro, a gente discutia na mesa, na época do Juscelino, nessa época a gente era oposição ferrenha ao Juscelino, que estava entregando o país...

NA - UDN?

NK - Não, não UDN não, era esquerda, sempre esquerda.

NA- PCB?

NK - Também não, nenhuma filiação partidária, mas sempre de esquerda. Nunca pertenci a nenhum partido, mas sempre fui de esquerda.

NA - Seu pai nunca pertenceu a nenhum partido?

NK - Nenhum partido não. E aí ele falava na mesa e não permitia que ninguém falasse contra o governo brasileiro, que ele achava que estavam falando contra o Brasil e isso ele não admitia em nenhuma hipótese. Ele disse que nunca tinha tido um tratamento como ele teve aqui.

NA - Então quais eram as queixas que ele tinha contra o Brasil?

NK - Não, só quando chega, isso é na chegada não é porque, era completamente... Primeira a cor da população que nunca tinham visto preto. Na Polônia nunca tinham visto um preto, então a primeira vez que ele sai, vê aquilo ele não conseguia entender o que era. Segundo os costumes absolutamente diferentes, língua ele não conhecia nada, não sabia uma palavra de português, misturavam tudo, então era muito difícil. E aí começa a trabalhar como mascate pegando gravata e vendendo nos morros aí no Rio. Veio para o Rio primeiro vendendo gravata nos morros, batendo nas casas, o chamado prestamista que foi introduzido pelos judeus aqui no Brasil, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Depois vai fazendo ascensão, vai ganhando, vai economizando, ganhando e comprou uma loja, também de casimira que também era muito comum antes dessa quantidade de *pret a porter* que chegaram agora, que todo mundo faz, era casimira, todo mundo comprava para fazer o terno no alfaiate. Então você tinha que usar alfaiate e então tinham uns vendedores de comerciantes judeus que se instalavam na Rua Caetés em Belo Horizonte, que eram os judeus e os árabes que foram todos para a Rua Caetés e as imediações na mesma rua.

NA - Ele não é alfaiate.

NK - Não, era, mexia com vendas.

NA - O que ele fazia na Polônia, né?

NK – Ele vendia num sítio... (*RISOS*)

NA - Agora me diga aqui uma coisinha, a sua mãe, qual era a profissão do pai dela?

NK - A mesma coisa, escrevia Torá, era extremamente religioso.

NA - Seu pai era religioso?

NK - Meu pai era, era religioso, ficou depois. No início quando ele era mais jovem não, mas no fim da vida ele ficou religioso.

NA - Você é?

NK - Não, eu fui ao contrário. Fui até... Eu fiz treze anos, eu fiz o Bar Mitzvá.

NA - O que é isso?

NK – Bar Mitzvá é a maioridade judaica aos treze anos. Então, até a essa época eu fui muito religioso, inclusive fundei uma filial de um partido que era trabalhista religioso, sionista, trabalhista religioso em Belo Horizonte aos 11, 12 anos, na crise religiosa e aos 15 anos, durante a maior festa religiosa judaica que é o Yom Kipur, é o dia do perdão em que você jejua 24 horas, mas aí é jejum mesmo porque não pode tomar nem água, nada, durante 24 horas, e naquele ano eu resolvi romper com tudo, então fui para um restaurante Tavares, que era um restaurante de caça e pesca em Belo Horizonte famosíssimo que, já que era para romper então eu comi camarão e porco que são as duas coisas absolutamente proibidas.

NA – Por que dessa sublevação?

NK - Porque isso foi acontecendo nos estudos, eu estudei muito a Bíblia porque meu pai me pôs para estudar muito a bíblia, eu estudei, depois eu fiz o Colégio Arnaldo que é um colégio de padres, eu fiz o científico no colégio de padres, aí já para conhecer a religião católica. Mas aos 15 anos eu cheguei à conclusão de que eu era materialista e que essa é que devia ser a linha. Então eu rompi.

NA - A influência do materialismo não vem do ambiente familiar vem pela escola?

NK - É, provavelmente pelos movimentos sionistas da época que eu pertencia como menino.

NA - Esse movimento trabalhista?

NK - Esse não, esse era o religioso, mas depois eu entrei para um que chamava *Dror* que esse já era socialista. É o *Dror* que é um movimento sionista e materialista. E aí fui estudando e chegando a conclusão que realmente não tinha nada, não tinha nenhuma, nada a ver com religião e aos 15 anos rompi e de lá para cá continuo tal e qual, acreditando no materialismo.

NA - Mas esse ingresso nesse movimento sionista materialista se deu como?

NK - Passou muito talvez emocional. Em 48 quando a libertação, ou criação do Estado de Israel, isso foi uma coisa muito importante entre os judeus do mundo inteiro, começa a aliar muitos dos colegas mais velhos. Meus amigos mais velhos, conhecidos, começam migrar para Israel, se bem que pouquíssimos ficaram. A maioria vem, fica algum tempo, algum anos, mas quase todos voltaram, talvez pouquíssimos ficaram. Nem 10% talvez dos que vieram, porque volta... existe esse movimento sionista de uma volta à terra, mas da terra literalmente, não a volta a Israel mas a terra de agricultura, então volta a plantar, volta a cultivar, tomar conta de produção agrícola como uma... é o kibutz....

NA - Os kibutz tem a ver com algo de filosofia.

NK - Kibutz é singular. Kibutzim é plural em hebraico e esta é a filosofia. Então o kibutz brasileiro, o Bror Chail que ao Norte do Negev, o deserto de Israel onde começam a migrar os brasileiros e os argentinos para lá. E aí por essa influência desse movimento, que eu começo a entrar inicialmente, emocionalmente, por contato e contágio dos colegas e depois por ideologia mesmo e também continuo sionista até hoje.

LF - Mas como é a relação desses movimentos tanto materialistas como religiosos com a sociedade mineira?

NK - Não tinha problema, quer dizer...

NA - Preconceito?

NK - Não, não, não. Não tinha, tinha era isso que tinha que ir para Israel para fazer a Alyah que era a criação do Estado, precisava de pessoas lá então era estimulada a ida e para trabalhar como... Por isso que não deu certo, porque todo mundo filho de classe média de repente vai trabalhar no campo, não tinha nada... não tinha nada a ver e por isso que ninguém ficou e voltaram. Mas não tinha nenhuma...

LF - Mas tinha aproximação com as elites políticas mineiras?

NK - Não, eu não tinha porque o meu pai era pobre e...

LF - Mas a comunidade.

NK - A comunidade também era pouco influente, porque era pequena. A comunidade em Belo Horizonte era muito pequena nessa época e tinha pouca influência. Na medida que ela cresce economicamente aí ela cresce, ascende socialmente também e aí ela passa ter influência, mas na época não tinha.

LF - E o Juscelino?

NK - O Juscelino foi um grande, um grande presidente em relação a... Inclusive apoio aos judeus, Israel Pinheiro também que permitiu a migração, eles conseguiram que muitos judeus migrassem para o Brasil, não é?

NA - Depois da guerra.

NK - No período da guerra foi muito importante, tanto... O Tancredo Neves também, e o Tancredo tinha uma admiração muito grande pelos judeus e quando ele foi presidente, por exemplo, eu conversando com ele, eu fui de uma comissão que conversou com ele e ele, dona Risoleta elogiaram tudo que eu falei, eu falei com ela: “A senhora está sendo quase anti-semita”, porque os judeus eram os mais inteligentes, os mais competentes. Eu falei: “Olha, quando a senhora fala isso a senhora também está sendo racista porque não tem nada disso”. Você tem judeu burro, tem judeu inteligente, honesto, como qualquer um, e tem uma história boa que quando Ben Gurion virou Primeiro Ministro de Israel eles levaram ele para passear e aí chega em Tel Aviv assim, ele olha uma moça assim, ele desconfiou pela postura dela, pelo jeito dela rodando bolsinha aí ele falou assim: “Ué mas o que é isso?” E desconversa, os assessores não queriam falar com ele mas vai apertando até que: “Olha, nós não queríamos falar mas aqui é uma região de prostituta”. Aí o Ben Gurion que era materialista também: “Graças a Deus! Agora nós estamos num país normal, porque até prostituta nós temos”. (*risos*) Então, passa a ser normal quando você tem, quando você tem tudo. Mas daí voltando, eu acho que o Juscelino teve essa... Ele era um cara democrata, sem dúvida nenhuma era um grande estadista, Então ele abriu o país, não foi só para os judeus, ele não tinha discriminação de nenhum tipo e foi muito importante, ele, Israel Pinheiro, Tancredo, foram pessoas que ajudaram muito a migração...

NA - Você falou que nunca teve uma relação partidária, mas você esteve muito próximo de algum partido, de militância?

NK - Não, de partido não, sempre tive militância dentro da universidade, por exemplo, fui de diretório acadêmico, sempre, mas nunca ligado a partido. E eu era inocente, era um pouco um *naif* na época, porque, por exemplo, na época quando Jânio Quadros renuncia e não deixaram que o Jango assumisse, nós tomamos a escola como aconteceu em vários lugares. E durante essa tomada da escola estava havendo um Congresso Internacional de Cardiologia, nós tomamos a escola rendemos o vigia, meia-noite nós entramos dentro da escola. Passados meia hora chega um casal de estudantes de Economia. Chega lá e conversa, e tal, isso era... Pessoal, vai passando o tempo, aquele ímpeto revolucionário seu vai acabando rapidamente, você já fica com sono (*risos*), já queria, todo mundo já queria tomar uma cerveja, queria dormir e aí chega esses dois e começam a falar. Mas na hora eu não me dei conta como é que meia hora depois da gente ter tomado a escola chegam dois colegas da Ciência Econômica, já lá dentro para incentivar a tomada e manter lá. Na hora aquilo para mim não teve nenhum significado, mas no outro meio-dia chega o Exército, de metralhadora e tal e aí nós saímos. Nós negociamos com a comissão que veio da festa, do Congresso de Cardiologia, mas não aceitamos sair e aí meio-dia o Exército foi lá e nos tirou. Bom, passados três anos, entre 64, quem eram as duas pessoas que tinham ido lá, Juarez e Maria do Carmo e depois Juarez foi assassinado pela ditadura militar. Ele era um grande líder comunista, revolucionário e a Maria do Carmo... mas na época não tinha a menor ideia do que foi...

NA - Dentro da universidade você não percebia esse movimento?

NK - Não, quer dizer, percebia, tinha a POLOP (Política Operária), tinha JUC (Juventude Universitária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica). Tinha tudo isso, eu sabia que tinha mas não sabia que isso era ligado, por exemplo, que tinha outra estrutura que determinava essas participações e que eram ligados a esses, quer dizer eram braços desses partidos, como o AP que entrou, quer dizer, freqüentava todos os meus amigos eram ligados ao movimento, mas nunca eu fazia essa relação nem como internacional com nacional... Na época era *naif* mesmo. Até que depois a gente começa a envelhecer, que é a perda da inocência e aí você começa a perceber então, eu tomo o maior susto... Aí eu começo a fazer as relações, quer dizer, porque que eles sabiam meia hora depois, quer dizer, seguramente alguns dos colegas que nós tomamos a escola tinha ligado, e tinha ligado e contado para ele e aí eles foram para lá imediatamente. Então, é um negócio interessante que acontece, que a gente entra e não sabe bem, a gente não sabe onde é. Mas aí, em 64, eu lembro que fiquei uma semana de cama, da diretoria do DA, desde o terceiro ano de Medicina eu pertencia ao DA, inclusive o nosso ex-ministro, o Santilho foi contemporâneo...

NA - Henrique Santilho.

NK - Henrique Santilho, contemporâneo, foi presidente do diretório, depois do DCE em Minas eu fui da diretoria dele. Eu tinha muito mais visão, ou muito mais participação, o desejo de participar do social. Então, fundamos um grupo que atendia as favelas aos sábados, então estudantes de 4ª série, a gente passava todo o sábado, o dia inteiro, atendendo as pessoas junto com colegas da enfermagem, fazendo assistencialismo mesmo, a gente achava que esse era um caminho. Era realmente *Naif* na época, mas com vontade de fazer alguma coisa. Fundamos a Cooperativa Médica da escola que até hoje, hoje é uma grande cooperativa, hoje está muito bem, fui um dos fundadores, participamos de reforma estudantil, reforma agrária, quer dizer, tudo que era de reforma nós apoiávamos.

NA - Vocês se engajaram em todo aquele projeto do governo do Jango.

NK - Todo, totalmente, totalmente e quando cai, que existe o golpe aí eu fico uma semana de cama, absolutamente deprimido e meu pai me gozando, aí eu lembro que ele chegava e me gozava...

NA - Por que ele te gozava?

NK - Por causa disso: “Aí o seu movimento” não sei que, porque a gente discutia muito, muito em casa.

NA - Ele não tinha preocupação da sua participação política não?

NK - Teve muita porque um desses caras que foram negociar à noite, um cardiologista que era conhecido dele, me procurou para tentar demover, para sair lá, entregar tal e eu não aceitei. Então ele ligou para o meu pai e disse que eu ia ser expulso da faculdade. Para ele, um filho virar médico era a grande conquista, porque entre os judeus o negócio é estudo, especialmente desses que migram, a primeira geração que... O que ele fazia era te dar estudo. Então ele era pobre, eu tive um sapato a minha vida toda até formar, enquanto eu não comecei a ganhar dinheiro.

NA - Mas a faculdade era pública.

NK - Era pública, mas eu só tinha um sapato, eu podia escolher, ou um marrom ou um preto e ia alternando a cor. Mas livro nunca faltou. O dinheiro que precisava para livro isso ele dava. Não é porque não tinha, ele não tinha, mas para livro tinha. E isso também meu irmão era... Aí ele já era diferente, era muito mais de esquerda, foi esquerda participante, teve que sair de Belo Horizonte porque se não ele ia ser preso.

NA - Participante, quer dizer, ligado a partido?

NK - Ligado a partido.

NA - Comunista.

NK - POLOP.

NA - POLOP. Isso na década de 60.

NK - Na mesma época é, e aí tem que sair de lá e vem para o Rio e depois aqui ele é preso, ficou preso em 71. Ficou preso porque ele estava com a mulher daquele cabo que foi assassinado aí, que veio de Cuba, então eles o prenderam e ele realmente tinha uma participação mais ativa do que... Eu nunca me engajei... E depois de 64 fazia oposição através de escritos, aulas, denúncias mas nunca partidária.

NA - Quantos irmãos vocês são?

NK - Um só, só tenho um irmão.

NA - Família pequena.

NK - É, só dois irmãos.

NA - Mas isso não é muito comum, é?

NK - É, entre os judeus é muito, muito. Dois é a média.

NA - E por que a escolha da Medicina?

NK - Aí passou o seguinte: eu queria fazer qualquer coisa que tivesse investigação, eu pensei...

NA - Você fez o científico lá com os padres.

NK - Com os padres no Colégio Arnaldo, mas aí foi para estudar religião.

NA - Escola privada, né?

NK - Privada.

NA - Seu pai podia pagar?

NK - Podia, podia. Ele não tinha assim... Eu morava num apartamento pequeno, entendeu? Não tive nunca bicicleta... Então, não existia, não tinha jeito de ter porque a gente não tinha como... mas para estudo, se eu quisesse curso de inglês ele pagava, se eu quisesse livro ele pagava. Qualquer coisa de estudo, o resto, as mordomias nós não tínhamos, a mesada era limitadíssima. A gente ganhava dinheiro também, interessante, num programa na rádio Inconfidência, às quartas-feiras, à noite, era de pergunta e de respostas, então o cara fazia a pergunta e escolhia alguém lá da platéia, quem respondesse ganhava sei lá quantos na época, mas tinham vários preços, mas preços simbólicos, tipo Silvio Santos. E a gente ia para lá, para ganhar dinheiro, e a gente ganhava, a turma ganhava tudo, eu, meu irmão, nós ganhávamos todo o dinheiro e isso é que ajudava a semana que era muito curta. Mas a minha vontade era de fazer qualquer coisa investigativa.

Então eu estudei arqueologia, pensei em ser arqueólogo, teve uma época eu pensei em ser detetive porque era tudo relacionado... até que eu descobri que o meu negócio era alguma coisa que fosse de investigação e aí resolvi fazer Medicina, porque eu achei que teria um campo grande dentro da investigação. E foi o que eu fiz, a partir do 4º ano, quer dizer, meio ano do 3º ano eu fiz concurso para anatomia patológica, passei, comecei a trabalhar com o professor Boyolo (?) que era um grande patologista, fez a escola de patologia importante no Brasil, fiz concurso para monitoria, antes eu tinha tentado nas outras cadeiras que não tinha concurso, mas ninguém aceitou. Quer dizer, então foi o primeiro concurso que teve. Eu entrei, passei, depois fiz concurso no ano seguinte para clínica médica também e passei e fiquei nas duas cadeiras durante um tempo depois fiquei só na clínica médica e aí começo a fazer pesquisa e aí é que faz o gancho com a carreira atual que, quando eu estava no 5º ano eu tive um caso de esquistossomose e aí eu me dedico a estudar esquistossomose também, talvez até por uma, uma frase de um dos colegas que a gente freqüentava enfermaria e o, todo mundo reclamava: “Pó, mas tem esquistossomose demais aqui, que coisa desagradável! Nós vamos acabar não aprendendo nada porque só se vê esquistossomose”. Ai eu falei, pensei ao contrário, se tem tanta esquistossomose é o tipo de assunto que a gente tem que estudar para tentar resolver. E no quarto ano eu começo a estudar esquistossomose, para tentar entender o que é, o que podia ser feito.

NA – Mas Belo Horizonte tem região endêmica? Belo Horizonte?

NK - É, é, Belo Horizonte e também tem o seguinte: o Boyolo (?) foi importantíssimo na descrição da forma de (inaudível), separar cirrose e fibrose e eu trabalhava com ele, então aquilo tudo eu li e aprendi com ele, e o Caio Benjamim Dias que foi o outro, o que era o chefe da clínica médica primeira, onde eu fiz também concurso e passei, também tinha feito duas teses excelentes sobre esquistossomose. Junto a isso e a esse outro fato, eu resolvi estudar esquistossomose e no 5º ano aparece um caso que tinha uma forma tumoral de esquistossomose, era um tumor, o menino foi operado como sendo linfossarcoma e na verdade, quando o Wilson Abrantes que é um outro grande estudioso de esquistossomose, um cirurgião, retira o tumor e eu levo na anatomia patológica para cortar, era só ovos, era reação em torno de ovos, um tumor de 12 centímetros de diâmetro. Aí esse menino tinha uma eletroforese de papel, que era a única que existia na época, que a fração beta e gama não separava, era junto. Aí, inocentemente eu pensei que aquilo deviam ser anticorpos

contra o verme e que se eu extraísse aqueles anticorpos eu separaria o beta de gama. Aí eu vou procurar onde tem vermes em Belo Horizonte, e o único pesquisador que tinha verme era o José Pelegrino que trabalhava no INERu que era o Instituto Nacional de Endemias Rurais. Aí eu o procurei em 63 e pedi verme. Aí ele me pôs na sala, nós batemos um papo lá de meia hora, conversou, o que eu estava pensando, deu algumas sugestões e mandou buscar o verme e me entregou, o verme liofilizado. Aí eu fiz a experiência que eu tinha planejado fazer e voltei, falei com ele: “Olha, não funcionou, a ideia não estava certa”. Ele riu e falou que esperava que não funcionasse mesmo, que deviam fazer mesmo para ver se ele funciona, senão passaria a priori, tal, tal, tal e continuamos conversando e tal e fui embora. Em dezembro de 64, quer dizer, um ano depois eu recebo um recado através de um outro médico que trabalhava com ele, foi meu professor também, o Celso Afonso de Oliveira, dizendo que o Pelegrino queria conversar comigo, isso uma semana antes de me formar. Aí, fui para lá, não tinha perspectiva de emprego, não tinha absolutamente nada, a não ser continuar na clínica médica, porque, voluntário, como voluntário, aí eu vou conversar com ele e aí ele me propõe trabalhar com ele.

Fita 1 - Lado B

NK - Bom, ele deve ter guardado aquela conversa porque eu nunca mais tive contato com ele, não tinha nenhuma relação de...

NA - Ele dava aula na faculdade?

NK - Dava muito pouco, ele não gostava de dar aula, ele era muito tímido.

NA - Em que ele dava aula?

NK - Dava aula de Biologia. Ele era da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que foi fundada pelo pai dele, a parte de Biologia foi fundada pelo Professor Braz Pellegrino que foi também quem fundou o Hospital militar, que foi o primeiro coronel, médico da polícia militar e fundou a faculdade de Filosofia também, que depois dá origem ao ICB que sai e vai fazer o Instituto de Ciências Biológicas da universidade. Ele trabalhava, ele dava aula lá, recebia pela faculdade e recebia pelo INERu que era o órgão do DENERu na época. Aí me convida para trabalhar e não tinha emprego, vamos ver se eu te arranjo alguma coisa, mas não tem emprego, não tem salário, mas...

NA - No INERu não tinha nenhuma possibilidade?

NK - Não de imediato assim não tinha, mas ele ia ver se arranjava alguma coisa, eu peguei e aceitei. Aí eu formo... Aí já comecei trabalhando com ele. Em 65 eu ganho uma bolsa da CAPES na faculdade e começo a trabalhar com ele sem nenhuma perspectiva mas ele me arranja uma bolsa, também lá no René Rachou, no Centro de pesquisa René Rachou e que era o seguinte: aí o Castelo Branco já tinha proibido entrada dentro do serviço público, ele era o presidente mas o que se fazia? Contratava-se durante 11 meses, no décimo segundo mês você era posto para fora e podia ou não voltar no outro ano, até abril você não recebia salário, mesmo que você voltasse em janeiro porque, aquele negócio de orçamento, a mesma coisa que continua hoje, só que era relacionado a pessoal, hoje pessoal não atrasa, naquela época atrasava...

NA - Só me dá uma explicaçãozinha, um parêntese aí. Você falou o Pelegrino era do INERu e do René Rachou. Qual era a relação entre uma coisa e outra?

NK - O INERu era o órgão de pesquisa do DENERu. DENERu é o Departamento Nacional de Endemias Rurais, o INERu era o Instituto Nacional de Endemias Rurais.

NA - Ele é um órgão federal? O INERu.

NK - É um órgão federal. O INERu é um órgão federal e ele tinha filiais, ou centros de pesquisas.

NA - O DENERu é federal mas o INERu...

NK - O DENERu... O INERu também era.

NA - É porque eu achei que ele era um órgão estadual.

NK - Não, agora o DENERu é o que vira a SUCAM hoje. Então ele era muito semelhante à SUCAM, à Fundação Nacional de Saúde. Mas antes de virar Fundação ele virou SUCAM, então o DENERu junta o DENERu com o SESP junta e forma o serviço de malária e o DENERu juntam e formam a SUCAM.

NA - Tá, mas o INERu na verdade ele é uma...

NK - Ele era um órgão, um instituto de pesquisa do DENERu.

NA - Mas ele é um órgão federal.

NK - Um órgão federal do Ministério da Saúde.

NA - E o René Rachou?

NK - O René Rachou é uma das sedes... Não, ele pertence ao INERu. Tinha três, um em Salvador, em Recife e em Belo Horizonte, três centros regionais.

NA - Que são os centros de hoje.

NK - Que continua sendo hoje.

NA - O Gonçalo Moniz...

NK - O Aggeu Magalhães e o René Rachou. Essa é a mesma origem. Em 1970, com o decreto 200, onde o INERu é colocado dentro da Fiocruz.

NA - E aí o René Rachou vem junto.

NK - O René Rachou vem, vem Bahia, vêm todos porque todos eram do INERu. O DENERu separa, perde o órgão de pesquisa, vira SUCAM e nós entramos, passamos a pertencer à Fiocruz.

NA - O senhor sabe como é que se cria esse órgão de pesquisa dentro do departamento, dentro do DENERu?

NK - É uma boa pergunta.

NA - Porque um departamento do Ministério da Saúde tem um órgão de pesquisa dentro desse...

NK - Porque ele era muito chegado à campanha e tinha necessidade de algumas respostas de pesquisa. Na época era o doutor Barca Pellon, era o Isnard Teixeira, era o Amilcar Vianna Martins.

NA - Nos anos 50 quando aparece o DENERu.

NK - E que são pessoas que tem uma visão muito boa. Era o Olympio da... Não o Olympio aqui de Campos, Olympio... Ele era de Campos.

NA - Depois você lembra.

NK - O Celso Arcoverde. Então eram sanitaristas que tinham uma visão mais abrangente, achava que tinha necessidade de fazer pesquisa operacional. Isso Olympio da Silva Pinto. Esse pessoal tinha uma visão realmente diferente de saúde pública, muito mais abrangente e achavam que tinha que ter um órgão que fizesse pesquisa operacional. A grande briga toda, durante esses anos, é que você não podia fazer pesquisa que não fosse considerada prática.

NA - Como é que delimitavam isso?

NK - É uma boa pergunta, é uma boa pergunta. Mas tudo que não tivesse aplicação direta você não punha nos relatórios, você fazia e não punha nos relatórios.

NA - Vocês faziam pesquisa básica.

NK - Fazia básica, publicava, mas ele não escrevia. Agora, para você conseguir qualquer equipamento era uma dificuldade. E nessa época não tinha dinheiro nenhum, então você tinha que buscar *grants* de fora.

NA - CNPq estava iniciando...

NK - Estava começando. Em 1970, também o CNPq começa a fazer um plano estratégico de pesquisa em esquistossomose e Chagas, leishmaniose, malária...

NA - Em doenças endêmicas.

NK - Em doenças endêmicas e que dá um impulso grande em 70.

NA - Aliás, uma pergunta...

NK - É, em 70 começa uma porção de mudanças.

NA – (inaudível)

NK - Tem, passa a ter no CNPq e isso também é uma coisa interessante, eu vou relatar que é uma coisa que eu fiquei muito chateado, então vou deixar registrado. Eu chego em

Paris em setenta e pouco, não me lembro exatamente quando, e vou visitar o Luis Hildebrando, que na época estava exilado. Era um grande comunista que tinha sido exilado. Aí eu vou no Instituto Pasteur, para visitar o Instituto Pasteur e claro que tinha que ver o Hildebrando. Ele me pergunta como é que está a situação de pesquisa no Brasil, eu digo: “Olha, está bem, agora nós estamos recebendo dinheiro do CNPq, coisa que não tinha, realmente não tinha e nós temos dinheiro de lá”. Então: “Mas você não pode falar isso”. “Não pode falar isso o que?” “Que está bem lá no Brasil”. “Não, eu não falei que está bem ou está ruim, falei que a pesquisa hoje tem um apoio que não tinha antes”. “Então você está defendendo o governo militar”. Eu falei: “Também não estou defendendo”. E foi um diálogo absolutamente desagradável, áspero e desagradável.

NA - Ele estava te cobrando justamente uma posição...

NK - É, porque eu falei com ele... E realmente era o que estava acontecendo, foi uma época em que se começa a ter, se cria esse programa especial de doenças endêmicas, Programa Integrado de Doenças Endêmicas, PIDE, cria-se isso e aí começa a ter dinheiro. Faz-se uma comissão, você manda esse projeto e começa a receber um dinheirinho, que deu realmente um grande impulso às pesquisas nas doenças endêmicas e na esquistossomose também.

NA - Como é que acabou a conversa?

NK - Acabou ele indo embora “P” da vida e nunca mais o procurei, a não ser muitos anos depois. Aí já é o contrário, ele vem com uma postura completamente diferente, reavaliando tudo, porque ele também já era mais francês que brasileiro. Já recusa vir para trabalhar no Brasil, porque na França tem muito mais condições, é muito melhor. Então o mundo dá voltas e ele volta completamente diferente. Aí nós retomamos a conversa e tal e agora não tem mais problema.

NA - Mas aí foi pouco delicado.

NK - Muito pouco, muito pouco. Eu acho que a mágoa que ele tinha quis jogar na pessoa errada, na hora errada e pelo motivo errado. Mas isso passou, mas fica registrado aí só para descontar.

NA - Mas olha só. Eu tenho uma grande curiosidade nessa história. Pelo seguinte, vamos ver se eu estou correta. Os pesquisadores, os cientistas vinculados às áreas de doenças endêmicas... E eu acho que um marco na constituição de um grupo de excelência, um grupo forte - inclusive no qual o Hildebrando faz parte - é o do Samuel Pessoa, a partir dos anos 50, 40, não é? Essas pessoas, pelo que se tem notícia, tinham um vínculo, algumas mais ou menos forte com, digamos assim, uma visão política, ideológica, do

mundo de esquerda. Algumas mais firmemente relacionadas, articuladas por um partido, inclusive o partido comunista, não é isso?

NK - É.

NA - O que é interessante é que depois da ditadura, com a cassação e perseguição a esses homens na USP, inclusive, apareça nos anos 70 um projeto do governo militar essa falta de pesquisa em doenças endêmicas. Isso aparece como área, na área de saúde, uma área prioritária e que tem muito dinheiro para isso. Como é que aconteceu isso?

NK - Se você tem um lema que é segurança e desenvolvimento, que era dos governos militares, você tem que ter a segurança interna. Então, havia uma preocupação em resolver os problemas internos. É quando você cria... A maioria dos órgãos estatais foram criados pelos governos militares, houve um impulso enorme. Quer dizer, ao contrário de hoje que é tudo privatização, na época era tudo estatização, dentro dessas duas óticas. Então o governo tinha esse objetivo da segurança nacional, que era entendido muito amplamente, até com um outro lado político muito feroz. Mas tinha esse lado que você era obrigado a desenvolver indústria nacional, você era obrigado a desenvolver o conhecimento nacional...

NA - Mas e saúde? Por que é prioridade?

NK - Porque você é obrigado a tomar conta das doenças que podem ter importância na segurança nacional. Se você tem uma população absolutamente doente, chagásica, esquistossomótica e tal, você não tem exército, você não tem soldado.

NA - E isso era uma coisa crucial.

NK - É. Eu acho que é. Foi baseado nisso que acontece esse desenvolvimento científico. E não é por outro motivo que o Geisel escolhe a Fiocruz também para dar um impulso e põe um economista aqui dentro.

NA - Você diria que a área de pesquisa em doenças endêmicas, como um todo, não só Chagas, esquistossomose, ela foi catapultada nesse momento?

NK - Foi, não tem dúvida. Era embrionária, teve várias épocas, não é? Por exemplo, eu estudo a doença de Chagas. Quando é descoberta pelo Chagas, tem uma grande repercussão, depois até 30 desaparece absolutamente. Em 37 ninguém fala em Chagas mais, até que o Amílcar Vianna Martins, em Belo Horizonte, começa novamente a estudar, descreve os casos de fase aguda no Estado e aquilo retoma outra vez um grande impulso. Embora tenha alguns estudos em 49, é interessante quando o Pelegrino... aí volta o Pelegrino e o Emanuel Dias que trabalhava em Bambuí, porque Manguinhos, o Instituto Oswaldo Cruz, faz um posto avançado e o Emmanuel vai chefiar...

NA - Já para estudar Chagas.

NK - Para estudar Chagas e aí tem também uma coisa interessante que é pouco conhecida que, quando em uma das viagens de Emanuel Dias, que ele viajava muito, ele está fora, isso em 49, o Pelegrino que estava ensaiando um inseticida, pela primeira vez para

controlar barbeiro nas casas, vê que uma experiência que eles fizeram, tanto em Bambuí como na cidade industrial que estava começando em Belo Horizonte, em volta de Belo Horizonte, e vê que é possível controlar através do uso de inseticida. Então ele manda um telegrama para o Pinotti dizendo isso: “Chagas está resolvido no Brasil”, isso em 49. Quando o Emanuel Dias chega...

NA - Pinotti é o ministro?

NK - É o ministro.

NA - Da saúde.

NK - É. Quando o Emanuel Dias chega... Não! Não é, não é o Pinoti, isso em 49 não! Ele é 56!

NA - Nem tinha ministério.

NK - É, não tinha ministério. Mas ele manda para alguém no serviço de assistência de saúde, como é que é?

NA - Malária?

NK - Não, é Divisão de Saúde e Assistência... DAS ou DSA, que era o que vem antes do ministério.

NA - Tinha o Ministério de Educação e Saúde, é, Departamento Nacional de Saúde.

NK - É, DNS! Era o Pinotti o DNS! Não era o ministro, mas era do DNS. E ele manda então dizendo que está resolvido o problema de Chagas no Brasil. Aí o Emanuel Dias chega, toma conhecimento do negócio e tem uma briga ferocíssima com o Pelegrino e rompe com o Pelegrino. Nessa época o Pelegrino era muito jovem. Aí o Pelegrino sai de Bambuí, fica lá mais algum tempo, depois sai de lá e volta para Belo Horizonte.

NA - Para o René Rachou.

NK - Para a faculdade, depois para o René. Porque o René Rachou vai começar em 56, porque acaba a Cidade das Meninas daqui. Os pesquisadores daqui da Cidade das Meninas vão para lá.

NA - Ué, mas o Brener falou para gente que estava já em 49, 48?

NK - Não, lá não. Largou a faculdade e foi trabalhar com o Pelegrino?

NA - E foi trabalhar com Pelegrino na faculdade. Então tá, e aí?

NK - Aí, aí...

NA - A briga foi por que mesmo?

NK - Foi porque ele mandou um telegrama dizendo que era possível controlar a doença de Chagas no Brasil e o Emanuel Dias era muito vaidoso. Ele é quem devia ter feito isso.

NA – Acendeu a fogueira das vaidades.

NK - Aí eles brigam e o Pelegrino começa a trabalhar, aí já tinha mais experiência e vai trabalhar sozinho. Depois o Zigman vai trabalhar com ele e vão brigar também, lá na frente. Vão brigar lá na frente porque eles vão para a Suíça montar um laboratório de pesquisa para a Roche. O Pelegrino é convidado e convida o Zigman. O Pelegrino tinha muito isso, ele sempre distribuía as *benesses*, as oportunidades. Ele sempre fez isso com quem trabalhava com ele. E eles vão trabalhar lá e lá o Zigman trabalhava com esquistossomose aqui e o Pelegrino com Chagas. Quando eles voltam da Suíça eles invertem: Pelegrino passa a trabalhar com esquistossomose e o Zigman vai trabalhar com Chagas.

NA - Por quê?

NK - Porque no mesmo campo não dava para os dois. Porque eles brigam e aí o Pelegrino descobre uma técnica que permite fazer *screening* de droga em grande quantidade e de uma maneira muito simples que é o método oograma.

NA - Como?

NK - Oograma.

NA - Você pode dizer o que é *screening*?

NK - O *screening* é triagem. Então, por exemplo, o que acontecia nessa década de 50, 60? Quando os laboratórios começam a experimentar drogas para doenças endêmicas, você pega a prateleira, tinha 30, 40 mil medicamentos e você tinha que testar aquele negócio, não tinha nenhuma direção, porque não tinha lógica nenhuma, nem química, nem farmacêutica, nem fisiológica, nem biológica, nada, tinha os produtos químicos, tinha que ensaiar para ver se tinha atividade. Então era triagem às cegas. Para você fazer isso, você tem que usar milhares de drogas, você teria que ter um método barato, rápido e que realmente permitisse dizer: “Olha, essa é ativa, vamos agora continuar estudando com mais calma” ou é inativa e joga fora, esquece e sai para outra. E aí o Pelegrino bola esse método de Oograma que através da... O ovo do esquistossoma é colocado imatura e leva sete dias para amadurecer. Então, o que ele fazia, ele tratava durante cinco dias o camundongo e matava no terceiro dia, três dias depois do tratamento. Se houvesse desaparecimento, qualquer uma dessas fases imaturas dos ovos significa que a droga era ativa. Então, ele descobre isso e começa a fazer triagem de centenas e centenas de drogas e começa também estudar as drogas que parecem promissoras já com esse método. E aí, um pouco antes dessa época, quer dizer, aí ele entra na esquistossomose por causa disso e o Zigman sai da esquistossomose e vai fazer Chagas.

NA - Mas isso apareceu...

NK - Na Suíça, a briga começa na Suíça.

NA - E foi lá na Suíça que ele começou a se interessar por esquistossomose?

NK - É, e aí mudam, quando eles chegam aqui cada um vai para o seu caminho, ficaram sem conversar muito tempo. Eu intermediei a paz entre os dois, porque eu trabalhava com o Pelegrino e era amigo do Zigman. Logo que eu entrei para o... Em 65, também o Zigman me propôs fazer uma revisão dos casos que tinha feito há 10 anos atrás, em 55. Então eu aceitei imediatamente e fui para três áreas, Tuparecê, Cumercinho e Baldi, onde eu fui rever todos os casos que o Zigman tinha...

NA - De esquistossomose?

NK - De esquistossomose, que o Zigman tinha examinado em 55. Então ele me deu as fichas e eu fui procurar as pessoas. Encontrei um grupo, publicamos um trabalho juntos, ele como co-autor, eu e ele, onde eu achei várias daquelas pessoas e fui estudar a evolução, o que tinha acontecido com aquelas pessoas nos dez anos sem nada, que tinham ficado lá na área.

NA - Recém você tinha entrado, em 1965.

NK - É foi, mas imediatamente ele me chamou e eu fui trabalhar ao mesmo tempo em que eu trabalhava com o Pelegrino e não houve nenhum problema do lado do Pelegrino, porque se isso acontecesse... Porque isso é uma coisa que eu discutia com o Pelegrino, evidentemente era o chefe.

NA - Mas essa coisa de Chagas, quer dizer, essa briga com o Emanuel não foi um fator importante para o Pelegrino abandonar Chagas.

NK - Não, porque ele ainda ficou mais de 10 anos estudando Chagas. Talvez deva ter esgotado mesmo o que queria fazer e ter querido mudar de área.

NA - Como que foi essa experiência na Suíça? Você sabe de alguma coisa? Ele te falou?

NK - Não, falava pouco, nenhum dos dois fala muito nisso, porque eles efetivamente brigaram. Nenhum dos dois...

NA - Como é que foram escolhidos?

NK - O Pelegrino foi escolhido. O Pelegrino era o cara mais conhecido internacionalmente, o brasileiro mais conhecido internacionalmente enquanto ele estava vivo. Todo congresso de Medicina Tropical de Parasitologia ele era figura obrigatória.

LF - A referência do trabalho dele era Chagas?

NK - Ele estudou leishmaniose, estudou Chagas e depois esquistossomose.

NA - Ele foi chamado pelo laboratório por Chagas?

NK - Por Chagas. Na verdade foi chamado para fazer tudo de parasitologia, o *screening* em parasitologia em todas doenças parasitárias. E ele chama o Zigman para ir com ele,

porque ele era... Na época o Zigman era muito novo, muito inteligente, o Zigman muito competente desde novo mais ainda não tinha o nome que o Pelegrino tinha. A grande cabeça brasileira era o Pelegrino, nessa área. Ele deixou 350 trabalhos morrendo com 56 anos.

NA - Eu sei que você tem esses trabalhos.

NK - Tenho todos. E agora esse ano nós vamos fazer o livro, uma publicação igual à que nós temos do Amilcar nós vamos fazer do Pelegrino nesse ano, que é todos os trabalhos dele, classificados, inclusive, por assunto, que ele deixou preparado. Como ele se suicidou, ele sabia o que ia fazer e ele preparou. Então o que eu estou fazendo é atualizar porque depois de morto tem quase 50 trabalhos que foram publicados com nome dele. Ele realmente deixou o negócio... Um cara muito avançado.

NA - Quando foi que ele se suicidou?

NK - Em 1978.

NA - Agora, eu queria que você voltasse um pouquinho que a gente poder... Você estava falando que saúde é importante no governo militar e você começou a falar do campo de pesquisa. Como é que é essa coisa? Quer dizer, era uma comunidade, tinha um grupo de pesquisa?

NK - Tinha pesquisa, mas você não tinha dinheiro. O dinheiro você só conseguia de fora.

NA - Fora do Brasil.

NK - Fora do Brasil.

NA - Onde?

NK - Estados Unidos especialmente, quando se ganhava 10 mil dólares isso era uma alegria total, isso era um dinheirão.

NA - A universidade não tinha nenhuma estrutura de pesquisa?

NK - Não, nada, pouquíssimo, pouquíssimo, tinha pouco. Você podia fazer estudos clínicos, anatomia patológica, quer dizer, mas a parte experimental é muito pouco, é muito pouco.

NA - Quer dizer, quando você se formou ...

NK - Não, muito pouco. Na área de bioquímica... Por exemplo, em Belo Horizonte tinha um professor que fez isso, mas nas outras tinha pouquíssima coisa, pouquíssima. A produção científica era... Agora na parte clínica sempre muito bem e na parte de patologia tinha o Boyolo (?) que era muito bom também. Porque isso aqui não dependia de nada, você tinha os cadáveres e você tinha os pacientes. Agora, outros estudos de... Não tinha.

NA - Eu tenho uma curiosidade. Você nunca pensou em fazer Biologia não?

NK - Não, não, Medicina, porque primeiro tem várias coisas.

NA - A Biologia não era um curso valorizado?

NK - Não, não.

NA - Por quê?

NK - Era curso para mulher.

NA - Ah é? (*RISOS*) É mesmo? Isso o que, nos anos 50?

NK - Biologia e Farmácia eram os cursos mais...

NA - Eu pensei que era enfermagem que era assim.

NK - Também. Enfermagem então mais baixa ainda.

NA - Menos valorizado.

NK - É. A ordem era Medicina, depois Odontologia e Farmácia e Biologia não tinha prestígio social, não tinha salário, não tinha onde trabalhar. Os biólogos não tinham campo de trabalho.

NA - Era uma carreira de professor.

NK - É, porque era separado. Inclusive as escolas eram separadas. Quando a universidade cria o ICB, o Instituto de Ciências Biológicas, e põe todo mundo junto aí os cursos básicos passam a ser junto. Isso também muda muito a característica... Porque é o sistema americano, eles fizeram o modelo americano.

NA - Isso o que, nos anos 70?

NK - É, depois de 70. Aí muda, aí o indivíduo faz mestrado e doutorado e aí ele passa a ser considerado como os outros. Mesmo assim a formação médica até hoje, na área de pesquisa, ainda é melhor do que a das outras.

NA - Ainda hoje?

NK - Ainda hoje continua.

NA - Mas qual é a oportunidade de cadeira de pesquisa dentro da Faculdade de Medicina hoje?

NK - Você tem fora, porque aí você pode ser ou médico, você pode fazer pesquisa, você tem muito mais oportunidade do que qualquer outro curso, ainda hoje.

NA - É, porque você estava falando lá da sua relação com a pesquisa que você tentou mas na faculdade mesmo ela não ocorreu.

NK - Não ocorreu porque na época tinha estrutura de catedrático. O catedrático punha quem ele queria e tirava quem ele queria. Então, você podia ficar anos lá e nunca virar um professor assistente e podia entrar... Por que eu saí da escola? Eu saí por dois motivos: o primeiro eu tinha uma bolsa da CAPES durante um ano - eu e um amigo meu que é endocrinologista, colega de turma que é endocrinologista hoje muito bom, e nós tínhamos durante um ano. No segundo ano, fizemos um relatório, foi aprovado por mais um ano. Acontece que o filho do professor Caio se forma aquele que trabalhava comigo, Roberto, que eu montei um laboratório de esquistossomose...

NA - Dentro da faculdade?

NK - Dentro da faculdade, no Hospital da Cruz Vermelha onde a clínica médica primeira funcionava. Aí montamos um laboratório de esquistossomose e o Roberto que gostava de esquistossomose foi trabalhar comigo... Aí eu já era mais velho que ele dois anos de escola, já mandava nele (RISOS) E aí nós trabalhamos juntos até que um dia o professor me chamou na sala e falou: “Naftale, eu preciso tirar seis meses da tua bolsa e seis meses da bolsa do Tomás que eu tenho que dar uma bolsa para o Roberto”. Ah, muito justo, é filho dele por que não? Então tira. (RISOS) Tira, o que você pode fazer? Aí eu já vi que aquilo não era bem o lugar bom para mim, mas fiquei, continuei porque eu também não tinha muita opção, se bem que eu já estava trabalhando com o Pelegrino. Então eu trabalhava na clínica e trabalhava com o Pelegrino, que interessava ao Pelegrino também, porque como ele fazia muito ensaio de droga. Quando tinha a parte clínica eu que fazia, e essa foi a coisa em que eu entrei em 66 e comecei a me diferenciar. Porque eu sabia, se eu fosse competir com ele na parte experimental eu estava muito longe, o cara sabia tudo. Então me dirigi mais para parte clínica que também pela formação médica, ele também era médico, mas tinha anos que ele não fazia anda de Medicina, então... Com o Pelegrino, então interessou essa associação também para ele.

NA - Por isso que você acha que ele te chamou?

NK - Eu acho que foi uma parte...

NA – Por que ele te chamou?

NK - Eu acho que ele ficou um pouco impressionado com a conversa, quer dizer, um cara está interessado em fazer pesquisa, isso não era muito frequente na época, como continua até hoje, quer dizer...

NA - Não é frequente.

NK - Não, não é frequente, porque você tem salários muito baixos, você como médico você tem muito mais chance, não é? Se você entrar num departamento de pesquisa você vai ser funcionário público, então você fica muito limitado. Hoje na Medicina também caiu muito a possibilidade de emprego e de salário, mas na década de 60 e 70 ainda era respeitada. Você tinha muito mais chance de carreira do que na carreira de pesquisador que nunca teve grandes chances no Brasil, não é? Sempre foi muito limitada.

Fita 2 - Lado A

NK - ... número certo.

LF: O ponto de atração era?

NK - É medicina geral. Você ia fazer cirurgia plástica, cardiologia, que dava muito dinheiro, gastroenterologia, outras áreas clínicas, não pesquisa.

LF - A opção para quem quisesse fazer pesquisa era o INERu?

NK - Nas doenças parasitárias era.

LF - Quais seriam as opções em Minas, naquele momento?

NK - De pesquisa seria isso. Só lá. Agora, você podia ficar nas cadeiras de clínica, fazendo pesquisas clínicas ou patologia ou histologia, anatomia, mas, entendeu, você iria como professor universitário. Ou você virava professor universitário para fazer também carreira de pesquisa, como tem uma colega minha que fez, ou você ia para o René Rachou, que era o único órgão de pesquisa que tinha.

NA - De uma turma de que? 100?

NK - 60.

NA - 60? Uns 10%? Você acha isso?

NK - É.

NA - Só?

NK - Só.

NA - A proporção era essa?

NK - É. Mas é. Mas...

NA - Essa proporção?

NK - Eu acho que é. Eu também acho que é. E hoje, por exemplo, eu estava brincando com o negócio de mulheres, mas tem um fundo sociológico importante nisso. Hoje a maioria das ingressas na carreira de pesquisa são mulheres. Por que? Porque a carreira de pesquisa continua depreciada, continua com salários baixos. Isso sem nenhum desdouro às mulheres, das quais eu gosto muito, mas é isso. Hoje elas estão lá porque os homens vão para informática, vão para economia, vão para outras coisas que estão mais...

NA - Mas mesmo nesse período dos anos 70 onde teve muito dinheiro, quando teve muito dinheiro. Você acha que isso não foi suficiente para atrair homens?

NK - Atraiu mais. Atraiu mais. Mas como esse dinheiro era para pesquisa, não era para salário, você sempre tem a limitação. Porque quando você começa a aumentar o salário, e vou te dar um exemplo: houve na reforma, quando o Passarinho foi o ministro da educação, ele aumentou em três ou quatro vezes o salário do pessoal da universidade. O que aconteceu? Todo o pessoal do René Rachou foi para a universidade. E aí foi criado, inteligentemente pelo pessoal da época, um convênio da UFMG com o René Rachou, onde você podia trabalhar na universidade ou no René Rachou, independentemente, e receber por uma ou outra fonte. Mas todo mundo foi ganhar da universidade, porque ganhava quatro vezes mais, e continuou com os laboratórios no René Rachou. Então, isso aconteceu com o Marcelo Coelho, que trabalhava com leishmaniose. Aconteceu com o Zigman. Depois com a Antoniana, com o Hélio, com todo mundo. Todo mundo.

LF - São todos da universidade?

NK - Não. Eu não era da universidade. Eu não era.

LF - Nunca trabalhou exerceu magistério na universidade?

NK - Não. Só como professor convidado.

NA - Você nunca se interessou em entrar, fazer carreira...

NK - Depois, aí eu estava contando o porquê da briga. Quer dizer, primeiro perdi a bolsa. Aí volto para 65.

NA - Que o professor tirou.

NK - Que tirou. Em 65 começa a Bayer a ensaiar uma droga no Brasil que é o niridazol, ambilhar é o nome comercial, para esquistossomose.

NA - Como é o nome comercial?

NK - Ambilhar.

NA - Ambilhar?

NK - É. E quando eles mandam para o Pelegrino e aí tem uma estória também interessante que é como se fazem esses ensaios clínicos no Brasil, mas nós vamos falar isso depois. Então eles convidam o Pelegrino para fazer o ensaio e, evidentemente, quem fez fui eu, porque o Pelegrino passou para mim. Bom, aí eu faço o ensaio e aí o Caio diz o seguinte: “Vamos fazer uma reunião para ver quem é que vai representar a cadeira numa reunião que vai ter sobre esquistossomose da Ciba, que era produtora do Ambilhar, sobre o Ambilhar”. Evidentemente testei isso no ambulatório lá, em doentes internados, depois no ambulatório. E aí vai para a reunião para discutir quem seria o convidado. E é tirado o nome de duas pessoas, o Dário Bittencourt, que era o cara com quem eu trabalhava, que me orientou muito, é um grande clínico.

NA - Dário?

NK - Dário Bittencourt. E o meu nome. Então fomos escolhidos nós dois para irmos ao Rio representando a cadeira nessa reunião de terapêutica. Passados uns dias, o cara, que era o chefe e médico do laboratório, me pergunta: “Você já recebeu o convite?” “Que convite?” “Nós te mandamos um convite nominal para você vir à reunião”. Eu falei: “Não, não recebi nada. Mas vocês mandaram isso por onde?” “Ué, mandamos isso para o professor Caio Benjamin mesmo, mas o convite é em seu nome”. Aí eu pedi uma entrevista com ele. Aí entrei na sala: “Professor, o senhor recebeu um convite em meu nome para essa reunião?” Aí fui direto também... Ele começou tal, não sei o que, até que confessou que tinha recebido. “Bem, mas o convite vem em meu nome e o senhor não me entregou?” Quer dizer, ficou como se eu tivesse sido a escolha do grupo. Na verdade, eu tinha sido convidado independente de...

NA - Pessoalmente.

NK - Pessoalmente. Aí quando aconteceu esse negócio, eu falei: Eu não tenho mais nada que fazer aqui.

NA - Isso foi quando? 65?

NK - Foi 65. Aí falei tenho que ia sair fora. E aí fiquei lá até cumprir a bolsa, porque eu tinha a bolsa com a CAPES. Cumpri a bolsa e saí. Aí fiquei só no René Rachou. Depois, com o salário já muito baixo, o Pelegrino me arranja para trabalhar na polícia militar. E aí o que eu faço na polícia militar? Outra vez a mesma coisa. Aí era muito fácil você ter um grupo grande de pacientes voluntários, entre aspas, para estudo da esquistosomose, porque eu podia ensaiar droga à vontade, podia colher sangue à vontade. Então a gente faz um acordo com a direção do hospital e ele manda para os batalhões, e a gente começa a levantar prevalência em todos os batalhões de esquistosomose, que era alta, e começa a tratar o pessoal. E aí começa a fazer uma porção de trabalhos. Isso não perde o seguimento, quer dizer, sabe exatamente onde o soldado está. E como o pai dele tinha sido o coronel médico, o primeiro coronel médico, e ele já tinha tido um levantamento de Chagas. Como é que ele fez? Ele mandou caixas de fósforo para todos os quartéis da polícia militar no Estado de Minas Gerais e recebia os barbeiros. E classificava e examinava os barbeiros. Então, ele fez um levantamento em toda Minas Gerais a custo zero, porque os soldados já estavam lá mesmo, usando esse negócio. E aí eu vou para a polícia para fazer a mesma coisa. Oficialmente trabalhava na junta médica, que examinava lá nem meia hora por dia, não dava nem meia hora, porque os caras que estavam entrando não tinham trabalho de nada, os caras que queriam licença. Então, era um trabalho de meia hora. E o resto eu ficava fazendo ensaio clínico na polícia e colhia sangue e teste sorológico que às vezes precisava. Então isso já no trabalho com o Pelegrino. Aí eu saí da escola. Alguns anos depois eles pedem meu currículo para poder fazer o curso de pós-graduação de parasitologia. E aí também é uma coisa... Eu nunca fiz mestrado nem doutorado, porque...

NA - Mas nessa época também não tinha.

NK - Nessa época não tinha. Você tinha que sair. Quando cria... Eles já usam meu currículo para ser professor. Aí eu falei não vou ser aluno num lugar em que sou o professor. Então, não tinha mais sentido. E eu também não estava em escola, então não tinha porque fazer. Mas isso acabou me prejudicando. Eu devia ter feito.

NA - A pós-graduação?

NK - É. Devia ter feito.

LF - Pró-forma?

NK - Mesmo pró-forma. Depois você não tem incentivo, você não tem... A Fiocruz faz uma lei espetacular que só o cara de fora que pode defender tese aqui, mas quem está dentro não pode.

NA - Agora, me diz uma coisa.

NK - Só quem é de fora.

NA - Isso aconteceu a partir de que época, que houve essa competição que, na verdade, a pós-graduação começa incentivando?

NK - A mesma coisa. Depois de 70.

NA - 70?

NK - É.

NA - 70?

NK - É. Na década de 70.

NA - E você não... Bom, aí, o ingresso na universidade complica também.

NK - É. Não ia entrar mais... E aí eu já estava bem, eu já estava fazendo pesquisa. Eu já estava bem. Porque o Pelegrino sai do René Rachou, fisicamente, em 67, e me entrega a chefia das salas. Se bem que na época significava, eu fiquei com o macacário, onde tinha os macacos, que a gente fazia droga, e fiquei com um técnico que era o Antônio. E eu. O Antônio agarrava um macaco, segurava o macaco e eu fazia a biópsia nos macacos, curetagem retal. Isso que era o trabalho.

NA - Ele saiu por que?

NK - Porque ele ganhou um andar espetacular na escola de filosofia, um andar inteiro. Montou tudo lá. E o René Rachou nessa época era velho, ruim, entendeu? Não tinha recurso para fazer grandes laboratórios. E lá ele tinha um andar inteiro. Então ele mudou.

LF - Ele foi montar com recursos da família?

NK - Não. Recursos da universidade. Porque é a época do Passarinho, onde ele também põe dinheiro nas universidades e onde o salário passa a ser quatro vezes maior. Então todo mundo foi para a universidade. E ele vai fisicamente. O Zigman, por exemplo, foi só com emprego. E o Marcelo. E continuou no René Rachou, mas o Pelegrino não. O Pelegrino foi com sala, corpo e alma.

LF - Corpo e alma.

NK - Corpo e alma. E todo mundo depois aposentou dos dois. Quer dizer, aposenta na universidade e conta esse tempo para aposentar também no ministério da saúde.

NA - Deixa eu fazer uma pergunta: você acha que esse convênio, que deve ser aí, você não falou bem a época do convênio, mas é nos anos 60 da universidade-René Rachou. Isso aí faz alguma diferença para, digamos assim, a institucionalização da ciência mineira *vis a vis* outros estados?

NK - Eu acho que fez muito. Eu acho que fez muito.

NA - Dava sinais de precariedade. Quando essas coisas acontecem...

NK - Melhora muito porque os professores universitários podem trabalhar no René Rachou ganhando da universidade. Porque na época o problema era o salário. Porque senão todo mundo tinha largado o René Rachou. Se não tivesse tido esse convênio, tinha acabado.

NA - Isso ocorreu em outros estados, que você saiba?

NK - Não.

NA - São Paulo?

NK - Não. Não. Acho que foi só lá.

NA - No Nordeste nem pensar?

NK - Não. Agora, no Aggeu Magalhães havia uma integração grande entre...

NA - Aggeu?

NK - Aggeu. Entre a universidade e o Ineru também. A mesma coisa. Lá também tinha. O Frederico Simões Barbosa, a Irene, todo mundo era professor na universidade e...

NA - Funcionava lá.

NK - Funcionava lá. Então teve isso também. Então permitiu você ter alunos. E depois começa o curso de pós-graduação, aí nós somos credenciados a orientar tese e tal. E assim começa a ter sangue novo. E os empregados lá, os funcionários não são obrigados a sair. E alguns saíram e abandonaram totalmente. Ernest Paulini vai para a escola de engenharia e nunca mais volta. Entendeu? Então teria acontecido, teria acabado naquela época. E teria acabado com... Ou teriam ficado pessoas tão ruins que seguramente não...

NA - Não tinha expressão nenhuma.

NK - Não tinha expressão nenhuma. Quando a gente entra para a Fiocruz, aí começa a dar um impulso. Houve uma discussão: entra, não entra, entra, não entra. Enfim, entre nós, eram poucos os pesquisadores lá na época, muito poucos.

NA - Muito poucos o quê? Uns 10?

NK - Se tanto.

NA - É mesmo?

NK - Se tanto. Muito pouco. Em 70 muito.

NA - Mas já tinha tido muito mais.

NK - Tinha tido antes. Mas com esse negócio da universidade vai saindo, o Lobato sai também e foi esvaziando. Você não tinha condições de pesquisa, você não tinha salário...

NA - Quem era o pesquisador mais antigo? Você lembra?

NK - Ernest Paulini, era o Lobato Paraense, era o Geraldo Chaia, que depois vai para a Johnson montar o laboratório da Johnson e nunca mais volta. Marcelo Coelho, que vem de Pernambuco, que não era do início, mas depois veio do Aggeu Magalhães, que brigou no Aggeu Magalhães e foi para Belo Horizonte. Era o Zigman e Pelegrino. Era isso.

NA - Seis.

NK - É.

LF - E você?

NK - Eu entro depois.

NA - Depois. Essa é a primeira turma?

NK - Essa é a primeira turma.

NA - Primeiro grupo de pesquisadores?

NK - É. Pouco. Pouco.

NA - Hoje quantos pesquisadores tem?

NK - Hoje nós somos 34.

NA - Eu só perguntei isso para ter uma ideia de que esse pensamento estava diminuindo. Então já estava...

NK - Estava acabando.

NA - Eram seis.

NK - É. É. Pouquíssima gente.

NA - Houve a discussão se entra ou não entra na Fiocruz.

NK - Entra ou não entra.

NA - Mas qual era o centro da discussão?

NK - Porque a Fiocruz era outra coisa. Quer dizer, aqui nós já conhecíamos. Quer dizer, o Deneru, o Ineru, esse você já sabia como lidar. Você já sabia enrolar a burocracia. Você trabalhava, você conseguia usar até as facilidades de campo que nós sempre tivemos para fazer pesquisa. Quer dizer, tinha vantagens.

NA - É, antes de você entrar na Fiocruz, só um parêntese, agora me ocorreu isso. Na verdade, o Deneru, ele não oferecia condições. Ele pagava os salários...

NK - Isso. Só. Só.

NA - Se vocês quisessem dinheiro para pesquisa era fora?

NK - Fora.

NA - Tinha que se virar?

NK - É. Só.

NA - Não tinha outro recurso?

NK - Não.

NA - E os salários baixíssimos?

NK - Baixíssimos. Aí o que acontece? Quando a gente entra para a Fiocruz, e aí a Fiocruz começa a ser reestruturada e aí nós vamos ter que prestar homenagem ao doutor Vinícius da Fonseca...

NA - Espera aí. Mas essa coisa foi em 70, não foi?

NK - Foi em 70. E durante anos...

NA - O Vinícius é só 75.

NK - Então. Mas nesses cinco anos o que acontece? O Celso Arcoverde é o diretor do Ineru e vem para cá dentro. Começa em Jacarepaguá, fica em Jacarepaguá e depois vem para cá. A diretoria se transfere para cá.

NA - Do Ineru?

NK - Do Ineru. Nos últimos anos já está aqui, antes do Vinícius chegar. No início era Jacarepaguá. Depois o Celso é aqui, o Celso passa a ser o diretor, que era uma pessoa facilmente convivível, uma pessoa excelente.

NA - Você já conhecia ele antes?

NK - O conheci com o Ineru. Pessoa maravilhosa de relacionamento e de visão. Pessoa muito boa. E com ele a gente começa até a conseguir coisas também. Quer dizer, quando tinha verba...

LO - Dentro...

NK - É. Dentro da... Mas aí já está dentro da Fiocruz, mas era independente.

NA - Mas como é que foi a decisão? Sentaram todos lá e aí?

NK - E discute. Vamos, não vamos. Qual é a vantagem? Qual é a desvantagem? Vamos para o Rio. Vamos conversar. E vem uma comissão para cá, conversa, tal e chega. E no fim vem de cima, porque quando sai um decreto dizendo que vai ter que juntar, nós só discutíamos. Fala-se na deficiência, não fala, sai, vai para o Deneru, fica na fundação. Conclusão: se nós somos órgão de pesquisa e se nós tínhamos que fazer pesquisa clandestina o tempo todo, é melhor a gente institucionalizar e ser um órgão de pesquisa com todas as vantagens e desvantagens que isso pode ter.

NA - Ser clandestina é aquela que faz...

NK - Que você faz por baixo e não pode falar que fazia. Aí, então assume que pode fazer. Então aí está bom. Vamos ver o que vai acontecer. E todo mundo aceita vir para cá.

NA - Mas você tinha alguma relação com o Instituto Oswaldo Cruz até esse momento?

NK - Nada. Não. Não conhecia. Nunca tinha vindo aqui.

NA - Não tinha vindo aqui e não conhecia ninguém daqui?

NK - Não. Não. Nada. Nada.

NA - O Lobato tinha sido um período daqui, mas...

NK - É lá. Ele tinha ido lá mas...

NA - Ele foi um período daqui nos anos 70.

NK - Ele foi daqui, depois foi para lá e depois voltou. Voltou. Isso é pouquíssima gente aqui. Pouquíssima. Não tinha nenhuma relação.

NA - Quem estava aqui quando você chegou? Quando vocês vieram?

NK - Era o Oswaldo Cruz.

NA - Você lembra?

NK - Meu primeiro contato com o presidente aqui foi com o Oswaldo Cruz. Foi a primeira vez que eu conheci um presidente, que era do IOC. Não era da fundação. Era do IOC. Foi a primeira vez que nós tivemos contato. Durante muitos anos nós também ficamos um pouco rejeitados.

NA - Ah, é?

NK - É. Pela Fiocruz.

NA - Por que?

NK - Porque estava fazendo se essa incorporação entre Ineru e Fiocruz, que também não fez imediatamente. Você vê, ficou aí quatro ou cinco anos para que essa integração fosse feita. E quando eu falo “nós” são os três centros regionais, porque os três entram da mesma maneira. Porque tinha uma diretoria do Ineru. A gente tinha relacionamento com essa diretoria.

NA - Direto?

NK - Direto. Até que o presidente, o Vinícius, assume, e convida o Zigman para ser o diretor lá.

NA - Isso é 75?

NK - 75. É.

NA - Como é que foi esse convite? Como é que o Vinícius o conhecia?

NK - Eu acho que ele... Talvez o Lobato. Porque o Lobato era o vice e o Lobato orientava...

NA - Era o vice-presidente de pesquisa?

NK - Vice-presidente de pesquisa.

NA - O Lobato.

NK - É. E seguramente, porque o Vinícius não conhecia ninguém.

NA - Mas quer dizer que nesse período, até o Vinícius chegar vocês tinham uma relação muito distante com a...

NK - É. É.

NA - O que você achava do Oswaldo Cruz?

NK - Eu vim cá primeira vez... Do Oswaldo Cruz Filho eu tive pouco contato com ele, mas nunca um contato assim na área científica. Eu vim aqui...

NA - Tinha alguém aqui que trabalhava com esquistosoma aqui?

NK - Tinha muito ruim. Era o Rostan. Como era? Rostan. Ruim!

NA - Eu conheci ele.

NK - Muito ruim! Muito ruim!

NA - Só tinha isso? Rostan? Mais ninguém?

LF - Doenças parasitárias quem era?

NK - É. Do... Hein?

NA - Doença parasitária.

NK - Não. Tinha Chagas, tinha...

NA - Mas quem trabalhava com essa área?

NK - Em Chagas tinha o Sílvio Celso, que já trabalhava na década de 70, estava começando.

LF - Coura.

NK - O Coura não vem. O Coura vem depois. Coura não era daqui. Coura era da UFRJ.

NA - O Coura só vem depois do Vinícius.

NK - É. Depois do Vinícius que o Coura vem. Antes...

NA - Agora, e o pai do Reinaldo Guimarães, o Felipe Nery Guimarães?

NK - Não conheci. Trabalhava com leishmaniose. Leishmaniose.

NA - Ah, leishmaniose?

NK - Leishmaniose. Mas eu não o conheci.

NA - Mas ele estava nesse período aqui?

NK - Estava aqui.

NA - Ele morreu em 73, 74.

NK - Mas eu não o conheci. E quando há o desmantelamento também de Manguinhos, o “massacre de Manguinhos” também, aí que...

NA - Quer dizer que você...

NK - Eu também não conhecia os pesquisadores aqui.

NA - Quem eram as pessoas...

NK - Conheci o Lobato, que tinha estado em Belo Horizonte e veio para cá. Tinha pouca gente.

NA - Mas é bem impressionante os pesquisadores...

NK - É. Mas da primeira vez que eu vim, que eu fui passear aqui dentro, eu saí com carapicho e semente de capim no corpo todo. Sujei a calça, sapato, tudo.

NA - Era um matagal.

NK - Era mato. Era só mato. Você não conseguia andar aqui dentro. Eu falei: “Putz grila, que coisa horrorosa!” Parecia que era... Porque isso para mim, a imagem de Manguinhos era um negócio, né? De repente quando eu venho, bons laboratórios... Que eu não conhecia nada aqui. Comecei a conhecer. Tinha o Jurberg, Pedro Jurberg, que estava aí na época. Aí comecei...

NA - O Jurberg trabalhava com caramujo?

NK - Com caramujo.

NA - Caramujo.

NK - Mas também nada assim muito...

NA - Se você fosse fazer uma avaliação da ciência nesse período dos anos 70 o que...

NK - Era ruim. Dessas áreas muito ruim.

NA - Doença parasitária nada?

NK - Tinha uma sistemática muito boa, o Travassos era muito bom, o laboratório era muito bom.

NA - Que Travassos? Lauro?

NK - Lauro. Muito bom.

NA - Ele estava aqui?

NK - Estava em cinqüen... Não. Antes. Antes.

NA - É.

NK - É. Antes. Mas a equipe era muito boa. Continua. A parte de sistemática continuou muito boa e está até hoje. Era muito respeitada e continua sendo, mas no resto, de pesquisa...

NA - Doença parasitária?

NK - Não. Não tinha grande... O Lobato veio para cá, faz um centro internacional que tira de Belo Horizonte e traz para cá, porque o centro internacional não era do René Rachou, era dele. E veio para cá.

NA - Sim. Mas isso quando vocês vieram.

NK - É. Depois.

NA - Eu estou falando do pessoal daqui.

NK - Antes não tinha. Não tinha.

NA - Não tinha referência nenhuma?

NK - Tinha um entomologista muito bom que é o Lent, Herman Lent, que trabalhava com Chagas. Muito bom. Mexia com barbeiro.

NA - Barbeiro?

NK - É. Que é cassado nos 10 cientistas quando é cassado, ele é um dos...

NA - Herman Lent? Herman Lent? Ah....

NK - É. Muito bom.

NA - Ah, sim.

NK - Esse era muito bom.

NA - Ele trabalhava...

NK - Com barbeiro.

NA - Mas ele foi cassado?

NK - Foi cassado. Então não tinha ninguém. Não tinha ninguém. Não ficou ninguém.

LF - Tinha um trabalho próximo do que vocês faziam lá.

NA - Exatamente.

NK - Não. Lá era melhor! E, aliás, continua! Continua. Continua sendo o melhor centro de pesquisas da Fiocruz.

NA - É porque esse período dos anos 70, ele fica meio, a gente fica meio... Quando conversa com as pessoas e faz entrevista, fica uma situação meio... Como é que uma instituição conhecida pela sua tradição na área de doenças endêmicas...

NK - Foi acabando. Foi acabando.

NA - Como é que se explica isso? Você tem alguma explicação para isso?

NK - Explicação... Eu acho que não havia apoio oficial. A mesma coisa que aconteceu com o Ineru. Não havia apoio oficial. Não tinha entrada de pessoas. Ficou isolado. Era mato para tudo quanto era lugar. Não tinha eletricidade. Não tinha telefone, como continua não tendo até hoje. Mas não tinha uma porção de coisas, entendeu? Não tinha salário. Até que o dr. Geisel resolve fazer a coisa. Outra vez o governo militar, entendeu? Eu acho que dentro desse mesmo princípio de desenvolvimento nacional, segurança nacional.

NA - E você acha que ele... É. Por conta disso você acha...

NK - Patriotismo.

NA - Mas não teve umas epidemias aí não nesse período de 74, 75?

NK - Teve de meningite.

NA - Foi séria.

NK - Mas foi até o contrário. O ministro recusa o tempo todo dizer que tem.

NA - É.

NK - O tempo todo nega que tem. Até que morre um neto de um general e esse general vai lá e vai falar direto com o presidente.

NA - Quem é esse general?

NK - Eu não sei o nome dele.

NA - Corria isso na época?

NK - É. Que morre um neto de...

NA - Foi aí...

NK - Aí que passa a ser a denúncia oficial e que tem que fazer a vacinação.

NA - Que foi 74.

NK - É. Quando faz a vacinação. Também não tinha nenhuma experiência prévia suficiente para justificar essa vacinação.

NA - Quem fazia vacina nessa época?

NK - Aqui se faziam algumas. Mas isso também tem uma estória anterior que várias das vacinas que eram feitas aqui... O Emanuel Dias, inclusive, passou a fazer lá em Bambuí, mas num laboratório particular. Ele com outro cara aí da... Eles levaram várias das fórmulas e passaram a fazer particularmente. Ficou riquíssimo. Ganhou muito dinheiro com isso. Porque fecharam aqui a fábrica do BHC. Disse que não sabia mais como fazer. Soube fazer a vida toda, de repente desaparece a...

NA - Tinha fábrica do BHC aqui dentro?

NK - Tinha.

NA - Ah, é?

NK - É. E desaparece.

NA - Quem era que comandava?

NK - Não sei o nome da pessoa. Mas desaparece. Nunca mais é feito. O ministério fazia. Usava no país todo.

NA - Quer dizer que quando aparece esse surto em 74 de meningite ninguém... não era vacina daqui?

NK - Não. Não. A vacina... Esse Mérieux já era o Mérieux, e mesmo assim foi usada porque era a única que tinha. Tinha que dar uma satisfação. Porque começam a vir firmas, empresários alemães. Eu lembro claramente. Uma delegação alemã recusa vir ao Brasil numa dessas feiras por causa da epidemia de meningite. Então começou a haver recusa das pessoas virem para cá. Nisso, aí começa a campanha e foi feita a campanha.

NA - Repete isso do início do século.

NK - É. Repete. Repete. Então aconteceu esse negócio.

NA - Aí começa essa estória do Geisel com o Vinícius...

NK - Aí vem o Vinícius que, por sorte, era economista, porque eu não... Porque eu acho que se fosse um doutor que tivesse assumido, não teria feito a reestruturação que foi feita. E aí nós temos que elogiá-lo e ele vai ficar na história no dia, passar mais tempo, tirar a ideologia, tirar as coisas que dizem que ele fez que eu não sei se fez ou se não fez, mas também não tem nessa altura, daí 20 anos isso não vai ter mais importância. E vai ficar claro que ele que foi o reestruturador da Fiocruz.

NA - Qual a maior crítica que se fazia na época?

NK - Desvio de verba. Criticava-se demais. Autoritarismo.

NA - Mas dele pessoalmente?

NK - Dele pessoalmente.

NA - Desvio de verba pessoal?

NK - É. Pessoal. Autoritarismo. Absolutamente autoritário.

NA - Houve muita tensão?

NK - Muita.

NA - Quando ele veio?

NK - Muita. Muita. Mas na medida que conseguiu reestruturar, criar uma carreira, não uma carreira de pesquisa, mas valorizar pesquisador, aumentou salário de pesquisador, que isso também, se não tiver isso você não vai ter pesquisa. Se não tiver salário não tem jeito de ter pesquisa.

NA - Nem carreira.

NK - Não tem carreira, não tem nada. Ele fez isso. Começou a melhorar o salário. Começou a ter verba para outra vez modernizar a instituição. Aceitou trazer gente que, inclusive, era de esquerda. Que por indicação do Lobato ele aceitou, embora todo mundo tivesse que passar numa ficha no SNI, e a ficha dizia o que que era, o que que não era. Mas mesmo assim ele aceitou. Ele bancou isso. E como ele tinha muito prestígio, primo do Reis Veloso, trabalhava com ele. Primo não. Trabalhava com o Reis Veloso. E traz um primo do Reis Veloso, o Edmilson, que está aí até hoje com a gente.

NA - Edmilson o que?

NK - O de Brasília. O que foi chefe... É o primo do Reis Veloso.

NA - Ah, é o primo do Reis Veloso?

NK - É. Então ele faz essa reestruturação. Bom, quando...

NA - Como vocês de Minas vieram, não conheciam ele?

NK - Não. Não.

NA - Ninguém conhecia ele?

NK - Não.

NA - Ele era totalmente de outra área.

NK - Totalmente. No início com muita reserva. Porque era um economista. Já tinha o preconceito. Mas depois que começou a fazer as coisas...

NA - Chamou vocês de Minas?

NK - Chamou. Chamou. Convida o Zigman para ser o diretor, me convidou para ser assessor dele.

NA - O Zigman aceitou?

NK - O Zigman aceitou. E eu fiz a burrice de não aceitar. Então eu fui prejudicado durante anos.

NA - Por que você não aceitou?

NK - Eu não aceitei porque na época eu tinha acabado de desquitar e eu não queria vir para o Rio, porque eu estava com os meninos pequenos e precisava dar apoio aos meninos. E a segunda burrice que eu fiz, eu não era tempo integral, porque eu trabalhava de manhã no... Mas foi em 75? Onde é que eu trabalhava? Não sei nem onde eu trabalhava.

NA - Você tinha sido diretor do instituto.

NK - Tinha. Em 71.

NA - 71, 72.

NK - E pedi demissão e passei para o Roberto. Mas eu não lembro porque que eu não quis. E vim para cá... Ah, lembro agora. Em 68 eu fiz concurso na prefeitura...

NA - Para?

NK - Para secretário de saúde. Passei e aí montei uma seção de parasitose.

NA - Na secretaria?

NK - É. Saí da polícia militar e fui fazer uma seção de parasitose na prefeitura de Belo Horizonte. Alguns anos depois eu faço essa seção. E trabalhava de manhã na seção de parasitose e à tarde no René Rachou. Aí o ministro vai lá e me convida ser assessor na área de pesquisa. Aí eu falei com ele que eu não podia sair de Belo Horizonte por isso, por problema familiar. E não aceitei ser tempo integral. E aí que foi a grande burrice, por causa da prefeitura. Porque várias pessoas que eu conheço aceitaram. Era professor da escola, ganhava oito horas aqui, era tempo integral aqui e continuava tendo outro emprego. Mas eu não quis fazer isso. Depois para eu reverter isso, só consegui reverter na época do Arouca, que eu consegui ter as oito horas.

NA - É.

NK - É. Passei anos já querendo e não conseguindo.

NA - Por que?

NK - Não deixavam. Não consegui. Aí na época do Arouca, quando eu virei diretor, aí eu tinha que trabalhar oito horas. Então muda o contrato para 8 horas e aí eu já estava de licença, pedi licença na prefeitura.

NA - Antes você foi diretor do...

NK - 71. 70, 71.

NA - E como é que era? Escolha? Indicação?

NK - É. Era indicação do diretor do Ineru.

NA - (inaudível)

NK - Não. Não tinha conversa. O diretor do Ineru escolhia.

NA - Que indicava.

NK - É. Que indicava.

NA - Não tinha conversa de eleger ninguém.

NK - Não. Não tinha.

NA - Mas e aí, essa estória do Vinícius?

NK - E eu também fui porque não tinha mais ninguém. Na época tinha o que? O Zigman tinha ido para a universidade...

NA - Ah, estava esvaziado.

NK - Estava esvaziado. Então tinha o que? Talvez dois ou três pesquisadores.

NA - Você era o mais velho?

NK - Não. Eu era o mais jovem. Na época eu era o mais jovem que tinha entrado lá, mas era o único que fazia pesquisa. Aí nessa época já me conheciam. Então, eu trabalhava com o pessoal do Vinícius desde o início e fiquei conhecido. Mas o resto do pessoal todo estava na universidade. Então me indicaram. Aí um ano depois tinha que fazer uma porção de coisas que o governo militar queria, fazer lista, mandar denúncia, tal. Eu peguei e pedi demissão e não aceitei.

NA - Dentro do Centro houve isso?

NK - É. Aí eu não quis participar e pedi demissão.

NA - Mas tinha algum motivo para que isso...

NK - Tinha. Porque era época do governo Médici.

NA - Não. Mas motivo... Havia algum tipo de....?

NK - Não. Não. Mas sempre tinha. Quer dizer, alguém denunciava porque queria se beneficiar. Isso sempre teve.

NA - Sim, mas você...

NK - Não. Lá dentro... Não. Não. Tinha os indivíduos de esquerda...

Fita 3 - Lado A

NK - Dos problemas que tinha era o Amilcar Vianna Martins, quer dizer, problema para o governo...

NA - Político.

NK - ...militar. Porque o Amilcar foi um indivíduo sempre de esquerda. Nunca pertenceu a partido nenhum de esquerda. Ele era ligado ao PTB.

NA - Ah, é?

NK - É. Ele era muito amigo do Juscelino. Então na época do Juscelino ele foi muito importante. Era amigo do João Goulart. Então ele sempre um cara de esquerda. Isso não tem a menor dúvida. Só que nunca foi comunista. Mas, acontece que toda vez que tinha qualquer movimento em 64, em 68, ele era preso. Ele foi cassado em 68 porque sei lá que motivo que era. Mas na verdade ele nunca pertenceu ao partido e ele falou isso claramente. Mas embora isso, ele foi cassado em 68. Como o pessoal lá todo - filhos dele - nós todos nos consideramos filhos do Amilcar. Tanto é que quando ele foi cassado, ele ganhou uma sala com microscópio e tudo dentro do René Rachou para ficar. O Versiani Caldeira, que era o diretor da escola, proíbe ele de entrar dentro da escola.

NA - Escola do que? De medicina?

NK - Medicina. Eles que foram colegas de congregação anos e anos. Mas era um gorila esse Versiani Caldeira. E o Amilcar vai trabalhar só no René Rachou. E lá ele tem todo o apoio. E fica até morrer. E respeitadíssimo porque é uma pessoa íntegra, pessoa de posições políticas muito definidas, claras, uma pessoa de muita coragem pessoal.

NA - Ele foi de algum partido comunista?

NK - Não.

NA - Ele era petebista?

NK - PTB.

NA - Enquanto durou o PTB ele foi PTB?

NK - PTB. Mas sempre tinha participação em todos os movimentos. Isso ele era absolutamente participante. E falava claramente.

NA - Explicitava.

NK - Explicitava. Contradição muito clara com o casamento dele que era uma mulher da alta sociedade tradicional mineira riquíssima, riquíssima. Então é uma contradição.

NA - E qual é a origem dele social?

NK - Ele, o pai dele acho que era médico também, mas não era...

NA - Classe média?

NK - De classe média. E a mulher não. A mulher... Borges da Costa é uma família tradicionalíssima lá e riquíssima. E se comporta como tal até hoje. A mulher é aristocrática. E ele não. Ele era um cara absolutamente...

NA - Tranquilo.

NK - Muito.

NA - Era outra coisa.

NK - Muito tranquilo, era outra coisa. Pelo contrário. Ligações populares. E defendia tudo que era reforma. Janguista, né. Então foi juscelinista, foi janguista. Foi voluntário para a FEB. Coisa raríssima na época. Porque quem foi só soldado raso. E ele já era médico mas se ofereceu para ser voluntário para ir para a Itália. Foi para a Itália. Então eu acho que tinha esse negócio também.

NA - Ele se identificava.

NK - Tinha essa identificação, como aconteceu com o Samuel Pessoa.

NA - Samuel Pessoa.

NK - Foi a mesma coisa que aconteceu com o Samuel Pessoa.

NA - Aí quem mais? O Zigman?

NK - O Zigman era, quando jovem, da célula do partido comunista.

NA - Mas isso ele nunca teve uma articulação forte. Teve?

NK - Teve quando era menino. Foi colega do nosso ministro de ciência e tecnologia. Vargas. Israel Vargas. Era do partido.

NA - O Israel foi do partido?

NK - Foi do partido. Na mesma célula do Zigman.

NA - Não sabia não.

LF - Mas não teve a mesma exposição pública do Amilcar?

NK - Não. Não.

NA - O Zigman era retraído.

LF - Um homem de partido.

NK - Era retraído e foi só quando jovem. Depois ele não foi mais, mas, por exemplo, para ir para os Estados Unidos até hoje é uma dificuldade.

NA - Ele?

NK - Para ter visto de entrada nos Estados Unidos é muito difícil. Que seguramente, de alguma maneira, a embaixada americana conseguiu essas fichas todas. Para tirar um visto para os Estados Unidos era um sacrifício. Ele só vai primeiro em reunião oficial e mesmo assim tem que pedir com muita antecedência. Hoje eu não sei como é que. Hoje mudou muito. Mas até a alguns anos atrás ele não ia aos Estados Unidos sem que não tenha havido... Teve brigas homéricas com o embaixador, mandando carta, porque era reunião da Opas, quer dizer, que é um organismo internacional, mas mesmo assim eles não davam visto para ele.

NA - Agora me diz aqui, dando um pulo de volta para o Vinícius. Você disse uma certa hora que o Vinícius aceitou na reestruturação gente que era de esquerda. Por que você acha... Isso foi conselho do Lobato?

NK - Eu acho que sim. Porque o Lobato considerava como pesquisador. O Morel foi um caso típico para vir para cá. Quer dizer...

NA - Foi complicado?

NK - Foi colocado assim. Olha, é um pesquisador, um bom pesquisador, não precisa...

NA - Mas tinha restrição em relação?

NK - Tinha restrição. Mas acho que o Lobato quebrou isso, bancou isso junto ao Vinícius, o Vinícius aceitou. E o Vinícius podia fazer isso porque tinha uma ligação muito grande com o governo militar. Se não fosse alguém que tivesse essa ligação também não poderia. E ele poderia.

NA - Eu fiz uma pergunta para você exatamente por aí. Quer dizer, o CNPq, a história do PIDE. Quer dizer, como é que começa a chover dinheiro nessa área de doença endêmica se a gente não pensa que há algum tipo de articulação com o governo militar mas assim fortemente? Quer dizer, alguém que faça essa ponte. Você sabe de alguma coisa sobre isso?

NK - Olha, uma pessoa muito importante nessa área foi o Prata.

NA - Por que?

NK - Porque o Aluizio Prata foi um dos que organizou o PIDE que participou do PIDE. E o Prata foi capitão de fragata da Marinha. Ele foi vice-reitor do... Como é que chama o capitão da Marinha que foi reitor de Brasília?

NA - Azevedo.

NK - Azevedo. Ele era um homem fortíssimo na época do Azevedo. Ele é de uma família...

NA - O Prata tinha alguma ligação com a universidade antes? Ele tinha uma carreira universitária?

NK - Tem. Sempre. Desde a Bahia. Ele foi professor titular na Bahia, de medicina tropical.

NA - Foi reitor do...?

NK - Ele foi assessor do reitor.

NA - Ah, assessor do Azevedo?

NK - Do Azevedo. Do Azevedo. Na época do Azevedo! Foi a época de maior repressão e complicação na Universidade de Brasília. O Prata era fortíssimo. Então, o Prata tem essas ligações. A família dele é uma família tradicional em Uberaba. Riquíssima! O pai é riquíssimo! O irmão foi secretário, ministro, secretário de agricultura lá em Minas. Maior família de direita, tradicionalmente de direita!

NA - Você acha que se pode fazer essa ligação ou eu estou fazendo uma coisa imprópria?

NK - Não. Não sei se tem uma pessoa que faça essa ponte, mas eu acho que no caso do PIDE é muito mais isso. É ligado à segurança nacional, ligado ao desenvolvimento nacional que...

NA - Tem um projeto.

NK - É. Essa é a moldura para mim dos governos militares.

NA - Sim. E a saúde e as doenças endêmicas...

NK - Entraram dessa maneira. Dessa maneira. Como segurança nacional. Então todos os documentos da época que você ler mencionam isso. Quer dizer, é um dos itens da segurança nacional. Agora, claro que você tem que ter as pessoas que possam negociar, podem intermediar isso. Então uma dessas pessoas eu acho que foi o Prata.

NA - (inaudível) seria isso?

NK - É.

NA - Agora, vem cá. Sem querer mudar o rumo da conversa, mas...

LF - Eu queria que ele falasse um pouco sobre a carreira dele.

NA - É isso que eu ia perguntar. Pois é.

LF - Dos pontos, dos trabalhos de pesquisa que marcaram sua carreira. Pontuando, não é?

NK - Eu trabalhei sempre dentro da área de esquistossomose. Quer dizer, 95% dos trabalhos são de esquistossomose. Hoje eu tenho 210 trabalhos publicados. Acho que eu tive essa chance toda por causa do Pelegrino. Ele encurtou a minha carreira em 10 anos.

NA - Encurtou?

NK - Encurtou. No bom sentido. Encurtou...

NA - Não como o outro (*risos*)

NK - Não. O outro cortou. Esse facilitou a minha vida. Então por exemplo, em 68 foi o primeiro congresso internacional que eu fui, no Teerã. Congresso de medicina tropical e malária. Ele trazia na minha mesa, eu estava tomando café, almoçando, ele trazia à minha mesa todos os grandes pesquisadores na área que eu conhecia por trabalho. Quer dizer, eu não conhecia ninguém pessoalmente, os ingleses especialmente, os americanos. Ele trazia os caras na minha mesa e me apresentava: “Esse é o Naftale Katz”. “Quem é Naftale?” (*risos*), entendeu? O outro eu sabia quem era. Mas ele não podia nunca saber quem que eu era. E ele fazia, e ele fez esse negócio, me apresentou aos caras, facilitou de tudo quanto é jeito. Uma outra coisa: ele não gostava de falar, ele era muito acanhado, ficava muito nervoso. É. Demais. Nem em público e nem gostava de viajar de avião. As duas coisas. Só viajava se tomasse bolinha. Se não tomasse Valium, ele não...

NA - Medo? Era medo?

NK - É medo. E isso também me facilitou porque ele me punha para falar nos congressos. E aí fui ficando conhecido. Entendeu? Aproveitei o negócio. Ele sabia tudo. Sabia todos os trabalhos de cor. Sabia, citava. No início eu falei: “Esse cara está sacando”. Aí eu acabava de conversar com ele, tomava nota do que ele tinha falado, ia conferir a página, porque falava o trabalho, o autor, a revista e a página. Eu falei: “Ele está sacando”. Aí eu comecei a conferir. E sabia. Aí eu tomei como desafio para eu fazer a mesma coisa. E eu tinha que saber um trabalho que ele não soubesse. Enquanto eu não soubesse isso eu não

ficava satisfeito. E comecei ler. Comecei ler. Claro que ele estava muitos anos na frente. Mas fui lendo até que passado um tempo eu falei: “Você viu esse trabalho?” “Não”. “Onde é que saiu? Opa. Ótimo. Um a zero. Um a zero”. Mas foram anos para poder... Porque ele sabia tudo. Ele era inteligentíssimo. Ele era muito inteligente. Eu com essa... Quando ele vai embora também e me deixa lá...

NA - 67?

NK - 67. Aí começou também a me facilitar o negócio. Embora todo dia de tarde eu fosse conversar com ele, porque eu estava muito inseguro, ficava louco durante o dia e no fim da tarde eu ficava duas horas com ele. Eu ia lá para Rua Carangola, onde ele estava, e ficava com ele até de noite conversando, trocando opiniões, porque estava muito novo, eu não tinha nenhuma experiência. Uma das coisas que facilitou, desde o início, eu acho, foi ter ficado na parte médica, na parte de ensaios clínicos e ele era parte experimental, embora eu ficasse fazendo a parte experimental com ele. Mas, na que eu fizesse com ele, ele que aparecia. Como eu comecei a fazer a parte clínica, aí também eu comecei a ficar conhecido. E aí vale a pena o registro dessa parte clínica também. Como é que era? No Brasil só fazia ensaio de droga em esquistossomose se o José Rodrigues da Silva deixasse. É o chefe do Coura.

NA - Aqui?

NK - É. O que o Pelegrino fez por mim o Rodrigues Silva fez pelo Coura. O Coura era menino também, novo. É mais velho do que eu, mas também pouca coisa mais velho. E estava começando também. Tinha voltado da Inglaterra. O que aconteceu? O Rodrigues da Silva determinava quem ia fazer ensaio clínico no Brasil. Ele que tinha o contato com todas as indústrias fora. E quem fazia era o Prata e o Amauri Coutinho.

NA - De onde?

NK - Recife. Que morreu ano passado. E o Prata era menino dos olhos do Rodrigues da Silva. Então o Rodrigues da Silva fazia aqui no Rio, usava Coura, Léa, a gente para trabalhar, mas fazia aqui no Rio e Recife e Bahia, e Recife e Bahia que era o Prata. Bom, Pelegrino vai aos Estados Unidos e faz um acordo direto. Nessa época começa a aparecer o Hicantone na década de 60, que era a primeira vez que se usava a injeção dose única, e ele faz um acordo para fazer ensaio direto.

NA - O que é isso?

NK - Direto. Quer dizer, não tinha que fazer via Zé Rodrigues da Silva.

NA - Ah, passando por fora.

NK - Passou por fora. E fez o contato direto. Como ele era um cara muito respeitado...

LF - Aceitaram.

NA - Aceitaram.

NK - Aceitaram. E aí quem que vai fazer o ensaio? Hein?

NA - Com quem ele fez o acordo?

NK - Com a Estern Winthrop que tinha que ensaiar o Hicantone. Então, e aí ele me põe para fazer o negócio, porque o Pelegrino não fazia medicina há muito tempo. E me põe para fazer. Foi em 67. Aí eu começo a fazer o ensaio de droga e isso também projeta... Então todas as outras drogas, a partir daí, primeiro passaram em Belo Horizonte. Então o primeiro ensaio feito em *mansoni* no Brasil de oxamniquine foi em Belo Horizonte, eu fiz. Com Praziquantel idem. Porque aí já começou, quebrou, e entraram outros...

NA - O monopólio.

NK - O monopólio. E aí entraram outros pesquisadores também que antes, até então, não entravam.

NA - Mas por que isso? Qual é o poder do Zé Rodrigues?

NK - Ah, total! O poder dele era incrível! Total. No Ministério da Saúde e na universidade. Era fortíssimo! Um cara fortíssimo!

NA - Baseado em que? Carreira?

NK - Carreira. Era um grande pesquisador. E poder mesmo que um titular da UFRJ tinha. E tinha o Hospital Carlos Chagas que é onde ele fazia isso, que era um hospital de doenças infecto-parasitárias. E era muito respeitado. E era ligado a toda a cúpula de governo. Ele fazia e desfazia o que ele quisesse. Não tinha quem se opusesse. E as coisas do Ministério da Saúde também se faziam via ele. Tinha que vir a ele pedir a benção. E aí quando tinha droga e qualquer coisa os laboratórios faziam via ele também, porque sabia que se ele aprovasse...

LF - Estava garantido.

NK - Estava garantido tudo, o orçamento. Agora, porque era assim não sei. O que deu esse poder a ele? Mas quando eu o conheci, ele já tinha esse poder. Ele era um homem forte!

NA - Para quebrar esse monopólio é complicado.

NK - Foi complicado. E o Pelegrino quebrou. Como o Pelegrino quebra isso e eu faço os ensaios clínicos e todos os trabalhos - Pelegrino tinha todos os trabalhos que eu fazia - eu era o primeiro autor, ele era co-autor claro, porque ele dava orientação, trabalha junto, mas eu era o autor. Então isso facilitou muito eu ficar conhecido. Então toda vez que tinha que falar de droga era eu que falava. Em 68 ele me chama para fazer uma revisão para o *Advanced Parasitology* sobre quimioterapia experimental em esquistosomose e eu falei com ele: "Pelegrino, mas eu não tenho nenhuma contribuição a te dar". Ele falou: "Não, tem sim". É mentira. Eu não tinha nada. Entendeu? E eu ia para a casa dele o dia todo, sábado, domingo, eu trabalhava o dia inteiro. Ele me deu as coisas para eu ler, resumir, me ensinou a fazer, eu fiz. Eu não tinha, eu não tinha contribuição. Eu ficava do lado dele,

ele escrevendo e a gente conversava. Mas comigo ou sem migo era a mesma coisa. (*risos*) Igualzinho. Mas me pôs como co-autor. E em 77 eles já me convidaram para fazer o *Advanced Quimiotherapy Pharmacology*, uma revisão sobre quimioterapia em esquistossomose. Quer dizer, aí eu já era, já tinha... Mas eu fiquei conhecido porque eu comecei a publicar com ele. Entendeu? E como todos os ensaios clínicos eu era o primeiro autor, então comecei a ficar citado na literatura. Isso graças a ele. Bom, aí na década de 70, 72, eu publiquei um trabalho sobre um método de exames de fezes. E por que? Aí é interessante. Chega, um ano antes chega lá no meu laboratório o Larry Martin, que era, estava fazendo uma tese com professor Biver que é um grande parasitologista da Tulane University, e esse Larry Martin eu acho que era da Marinha americana. Mas estava fazendo uma tese em parasitologia e foi lá fazer uns exames de fezes com um método que tinha escrito no Japão pelo Kato e Miura, que tinha escrito esse método e o professor Biver quis, deu isso como tese para esse Larry Martin. E aí eu aprendi com ele a fazer esse negócio e o interesse nessa época começou a aparecer na literatura, que para você fazer estudos epidemiológicos, você tinha que fazer quantitativo, exame de fezes quantitativo. E não tinha um método bom para fazer exame quantitativo.

LF - O que é o método quantitativo?

NK - É preciso saber o número de ovos por grama de fezes que você tem. Porque antes você só dizia uma cruz, duas cruces, três cruces, aí não diz nada. Entendeu? Então tinha que ser o método quantitativo, porque isto te permitiria entender melhor as relações da doença na comunidade. Isso eram os documentos da OMS, no fim da década de 60, recomendando que fosse feito. Aí começaram a aparecer alguns métodos e todo método que aparecia a gente testava. Então apareceu o método de *Bel*, testava. Teve o do Simões Barbosa também que quantificou o método de HPJ, que é o de Hoffman, Pons e Janer, que nós fizemos também. Então vários métodos, todadestol que era tradicional, mas que não serve para esquistossomose. Então toda vez que aparecia um método quantitativo a gente...

NA - Aplicava.

NK - ... aplicava para poder ir para o campo. Bom, e ir para o campo também tem uma história. Por que? Porque primeiro você fazia terapêutica e segundo porque eu comecei a estudar epidemiologia, que eu vi também em 70 que terapêutica estava praticamente resolvido, porque você tinha o Hicantone, depois começaram a aparecer uns casos de morte, teve que ser retirado. Mas aparece o oxamniquine que também é dose única e é muito bem tolerado, então ia acabar. Não tinha o que fazer mais em terapêutica. Então tinha que estudar outra coisa. E outra coisa era epidemiologia e controle. Quer dizer, como usar esses métodos que agora você tinha. Mas para fazer isso também você tinha que ter um método diagnóstico bom. Aí aparece esse companheiro lá, fizemos alguns trabalhos. Ele ficou com o Chaia, no laboratório do Chaia, e o Chaia me chamou para trabalhar junto porque eu que tinha os doentes de esquistossomose e as áreas endêmicas. Então começamos a estudar junto. E como é que você fazia o quantitativo? Você pegava as fezes, pesava aquelas fezes numa balança analítica e preparava o método. É muito fácil de preparar, mas tinha que pesar. Aí eu resolvi estudar uma área no interior e levei a balança. Doze horas de carro, estradas ótimas. Quando chegou lá a balança já era. Estava pior que o gravador no início. Só que eu não conseguia acertar. Não teve jeito. A balança eu perdi. E eu viajei 12 horas e perdi tudo. Não podia começar. Tive que vir embora. E aí

vim pensando: Bom, tenho que resolver isso. Como é que vou resolver isso aí? Tenho que resolver isso. Porque você fazer no laboratório você pesa. Não tivemos nenhum problema. Eu nunca podia imaginar que eu ia ter esse problema. Além de uma porção de regiões que você vai trabalhar que não tem luz elétrica. Então como é que você vai usar balança analítica? E aí veio, veio, um dia eu tive a ideia, que é uma ideia boba. Você usa um quadradinho com um buraco no meio. Só que esse buraco é calculado de tal maneira que você tenha 24 miligramas de fezes. Então se você pegar isso e multiplicar por um fator de 42, você vai ter número de ovos por grama de fezes. Ou melhor, cabem 42 miligramas. Você multiplicando por 24, você vai ter o número de ovos por grama. E aí eu publiquei esse trabalho em 72. Aí eu contei para o Pelegrino. Aí foi a primeira vez, o Pelegrino falou: “Eu ajudo você a escrever o trabalho, mas eu quero ser co-autor”. Aí eu falei: “Está feito o negócio”.

LF - Fez uma publicação...

NK - Eu falei: “Está feito o negócio”. E publicamos juntos. Essa ele não tinha participado não tinha tido a ideia nem nada, mas ele gostou do negócio. E me ajudou a escrever. Ele escrevia bem demais. Ele pegava e escrevia o trabalho direto com lápis com borracha na ponta. Ele escrevendo, apagando. Quando ele acabava, entregava para a secretária bater, estava pronto. Nunca vi ninguém fazer isso. Estava pronto. Aí escrevemos o trabalho, publicamos. E começamos a usar o método. E o método começou a funcionar e outras pessoas começaram a testar em outros lugares e passou a dar certo. E a Organização Mundial de Saúde adotou como método dizendo que esse realmente, depois de muita catimba, porque os caras não queriam, tentaram mudar o negócio, tentaram dizer que não clareava as fezes, tentaram dizer que não dava certo. Mas quando iam fazer quem testou, viu que dava.

LF – Tinha alguém que dominava esse mercado?

NK - Tinha o Warren. Na época o Warren, que era o cara que mandava na esquistossomose.

NA - Quem era Warren.

NK - Estados Unidos, da Case Western Reserve University. E aí pega um técnico, o Peter...

NA - Qual o nome da universidade? Não entendi.

NK - Case Western.

NA - Case Western.

NK - Aí ele pega um técnico dele e como ele disse que esse método não dava certo, que ele tinha muito acesso, então ele manda fazer um outro negócio que coubesse 20 miligramas de fezes, que era muito melhor. O mesmo princípio, só quis mudar o...

LF - (inaudível)

NK - É. Quis mudar. Mas nem isso não conseguiu porque depois foi visto que não dá, a sensibilidade cai muito, então você perde muito diagnóstico. Então foi usado e realmente hoje a OMS indica o método e passou a ser indicado e todo mundo passou a usar.

NA - Como é que você teve essa ideia? Você lembra como é que você começou a bolar isso?

NK - Lembro. De um trabalho do Lairisse (?), que é o seguinte: o Lairisse pegou uma seringa e cortou a ponta da seringa. Então ele chegava e aspirava as fezes até um certo...

LF - Marcação.

NK - Marcador. Então você tem a seringa cortada, vinha até aqui as fezes aspiradas. E eu li o trabalho dele: Mas isso é uma loucura. Primeiro você tem que ter uma quantidade de seringa enorme. E como é que você aspira fezes na seringa? Quer dizer, depois para julgar. Eu falei: “Não, por que que eu não faço o mesmo princípio”... Mas qual que era o princípio? Era usar esse volume. Só que em lugar de fazer assim, eu vou inverter, vou achatar. Aí fiz um quadradinho com um buraco no meio. Quer dizer, foi a mesma coisa que o cara, só que eu invertei o desenho.

NA - Foi ideia dele.

NK - Foi só isso. E aí colou. Aí dentro disso foi uma grande vantagem isso e foi uma grande desvantagem. Qual foi a grande vantagem? Que aí estourou, aí eu batizei depois de algum tempo o nome de Kato-Katz. Por que? Porque eu lembrei que a primeira coisa que Deus, na bíblia que Deus fez foi nomear as coisas. Eu falei, se eu não nomear, esse trem...

LF - Voltou o...

NK - Voltou nessa época. Eu falei: “Se eu não nomear esse negócio, isso vai ficar... sumir”.

NA - Ao Deus dará.

NK - É. E o método era chamado, um nome comprido, método do esfregão grosso de celofane. Quem que vai falar isso? Ferrou! (*risos*). Vamos chamar de Kato-Katz que isso é beleza pura e o nome é sonoro.

NA - Chama Kato-Katz?

NK - Kato-Katz, o método. Aí pedi desculpa aos co-autores, mas como os co-autores, na realidade, um é, quer dizer, praticamente um técnico que trabalha comigo que fez as coisas no laboratório, que não tinha ideia de nada. E o Pelegrino que nesse me pediu para entrar e eu deixei. Na época ele já estava meio doente, estava deprimido. Aí deixei ele entrar. Então me senti muito à vontade de...

NA - Batizá-lo.

NK - De chamar só de Kato-Katz porque era a verdade. E ficou. E colou o método e hoje ficou. Então qual é a vantagem? Ele passou a ser usado no mundo inteiro. É dos métodos mais citados na bibliografia de esquistossomose, no *Current Contents*, tem aquele que escreve uns artigos ótimos de naquela primeira parte, do Garfield. São ótimos os artigos dele. E numa dos levantamentos que ele fez de bibliografia, esse é o dos métodos mais citados na área da esquistossomose. Então isso também projetou violentamente e, por exemplo, na China, estavam usando o método. Então quando falam que sou eu é uma: “Ô - os caras - ô Dr”. Um dia eu estou em Cuba e tem uma doutora da República Dominicana, aí alguém me chama e eu olho para trás no ombro para responder assim, aí ela passa assim: “Usted es el Dr. Katz del método?” “Ô”. Aí me abraçou. Um mulherão desse tamanho. Me abraçou. Tomei um susto.

NA - É fácil, a manipulação é fácil?

NK - É facilímo! Você prepara em menos de um minuto.

NA - Quer dizer, qualquer boboca do mundo faz.

NK - E faz em qualquer lugar. É. Porque você faz e pode examinar com um ano de diferença que não perde.

NA - Uma coisa fácil de se manipular.

NK - Facilímo de preparar e facilímo de examinar. E aí ficou, aí o mundo todo... Porque isso é para país subdesenvolvido. Porque balança não é para país subdesenvolvido.

NA - Isso é que é interessante. Você bolou esse negócio.

NK - Porque tive...

NA - Na balança era complicado.

NK - Mas eu via que não tinha jeito, porque você não tem luz elétrica. Você não tem jeito de usar.

NA - Nem para você.

NK - Para levar não tem jeito. E aí por isso que foi feito. E a partir daí isso foi divulgado muito, então isso passou a ser muito conhecido. Isso, por outro lado, me tirou uma coisa que todos os outros...

NA - É desvantagem.

NK - Desvantagem. Porque os outros trabalhos não são citados. Entendeu? Ou não são conhecidos. Quer dizer, estão citados porque são citados, mas não são... não me reconhecem nos outros trabalhos. Então por exemplo, primeira vez que foi descrito resistência de droga no mundo, na clínica, foi meu trabalho também em 71 ou 72. E isso, primeiro eu cometi um grave erro de publicar no Brasil, embora o outro tenha sido publicado no Brasil também, mas em inglês. Esse outro da resistência...

NA - Foi português?

NK - Foi português. Burrice total! Então, ele não é citado. Mesmo assim toda vez que eu leio um trabalho que não é citado, eu mando o artigo para o cara porque está publicado. Então tem uns que citam. Então agora saiu uma revisão do Cioli, da Itália, excelente revisão sobre resistência à droga, ele cita, ele diz quem fez, como é que fez, tá, tá, tá, mas muitos não...

NA - Americano nem pensar?

NK - Não citam.

LF - A informação circula na comunidade, mas não reconhece a autoria.

NK - Mas não, não reconhece... É. E várias outras contribuições que nós demos, mostrando como é que é a reinfeção no cão, que em criança é menor do que em adulto, quando é que se dá, como é que se não dá e trabalhos de controle. Eles são citados porque tem que citar. Porque os gringos pegam lá a bibliografia, estão citados os trabalhos todos. Eles são obrigados a citar. Mas não faz essa correlação como tem sido a contribuição original, entendeu? Então ficou um método... porque teve tanta aceitação, que ele tampou o...

NA - O método foi quando?

NK - 72 que eu publiquei.

LF - Posso fazer uma pergunta? Não sei se vai ter tempo de responder, mas me veio na cabeça agora: você acha que isso, pelo fato dessa contribuição sua não ser uma contribuição do campo experimental e as outras são no campo experimental?

NK - Não. Eu acho que não. Não. Eu acho que realmente foi muito mais do que... Entendeu? Ela passou a ter uma aplicação muito maior, então você vincula. Você pôs um apelido num cara... É como eu falo com os estudantes: "Vocês têm que ter... Vocês não podem trabalhar em tudo. Ninguém pode trabalhar em tudo. Você tem que ter uma coisa que te identifique, porque hoje é impossível você trabalhar em tudo". Se você identificar um campo, se você tiver 10 trabalhos no mesmo campo, você vai ser citado e os caras vão te reconhecer. Se você tiver 10 trabalhos, um em cada campo, ou você tem um trem excepcional, que não é o caso de ninguém que começa a vida você ter um negócio excepcional, no nosso caso aqui, ou você faz tudo do mesmo assunto. Aí você vai ser reconhecido. Então você tem que ter um assunto que te associe à sua imagem. Eu sou associado à esquistossomose. O pessoal sabe que eu fazia terapêutica, faço diagnóstico, faço controle hoje. Então tem essa associação. Mas não acho que é porque é prático. Não acho que é isso. Acho somente que o outro foi muito reconhecido.

NA - Você frequenta aquela reunião de pesquisa básica em doença de Chagas lá em Caxambú?

NK - Não. Chagas não. Raramente. De vez em quando. Fui a duas só.

NA - Nem a de Uberaba?

NK - Não.

LF - Qual é a sua área?

NK - Eu só vou a esquistossomose. O meu negócio era...

NA - Mas tem reunião anual? Onde é que é? Onde é que vocês se encontram?

NK - Então, aí o que aconteceu? Da esquistossomose. Foram feitas duas coisas: primeiro a Organização Mundial da Saúde tem centros colaboradores e indicou quatro centros colaboradores dentro da Fiocruz. Que não havia.

NA - Um foi o Lobato?

NK - Não.

NA - Ah, não?

NK - Não. René Rachou, Aggeu Magalhães, Gonçalo Moniz e IOC.

NA - No IOC quem?

NK - O IOC.

NA - Ah, o IOC.

NK - O centro colaborador não é uma pessoa.

NA - É um grupo, é no laboratório?

NK - Não.

NA - Não? É uma instituição?

NK - É. Aí que nós fizemos? Nós fizemos um programa integrado de esquistossomose dentro da Fiocruz, que fez 10 anos ano passado.

NA - A Miriam é aqui, né?

NK - A Miriam agora aqui. Ela é representante aqui desse, do IOC, mas o centro colaborador...

NA - O centro é a instituição.

NK - É a instituição. Então isso também foi interessante. Por que? Quando foram nomeados os centros colaboradores, o Ken Mott nomeou, são 24...

NA - Quem nomeou?

NK - Ken Mott, que era o diretor¹...

Fita 3 - Lado B

NA - Você estava falando dos centros colaboradores da OMS.

NK - Bom, então em 85 vem uma verba, acho que de cinco mil dólares, quando a organização, a OMS faz esses centros e manda para cá esses cinco mil dólares. Na época o Arouca era o presidente e o vice era o Morel, aí ele me chama e pergunta o que faz, como é que faz a distribuição desses cinco mil dólares. Aí eu falei: “Morel, vamos fazer o seguinte, se a gente for distribuir mil dólares para cada um, que tinha sido umas propostas lá do Zilton, queria mil dólares, queria comprar não sei o que. Isso não vale nada. O que vale mil dólares para cada centro? Se você for dar para um e não dar para os outros, vai dar pau. Se você for dar mesmo os 5 mil dólares, isso não muda nada. Então porque que a gente não faz uma reunião para a gente discutir, pelo menos saber o que a Fiocruz está fazendo dentro da”... Porque ninguém sabia também o que cada um fazia dentro da área de esquistossomose. “E a gente faz uma reunião para discutir isso, tentar organizar isso”. Ele falou: “Tudo bem. Está aí o dinheiro. Faz como você quiser”. Claro que os cinco mil dólares era pouco, não deu para valer, mas conseguimos o resto do dinheiro com o Morel e fizemos então a primeira reunião, e se cria o programa de esquistossomose dentro da Fiocruz. E ele vem se reunindo de dois em dois anos. Já foi reunido 10 vezes. E ele é alternado com o simpósio internacional de esquistossomose, que também é de dois em dois anos nos outros anos. Então um ano é um ano encontro de todos os pesquisadores, o outro ano é do simpósio e assim sucessivamente. E já fizemos cinco reuniões dessas. E isso permitiu o que? Permitiu um crescimento enorme dos trabalhos de esquistossomose dentro da Fiocruz, só participa o pessoal da Fiocruz. Permitiu uma integração entre os centros, que todo mundo trabalhava absolutamente isolado e você tem facilidades, alguns lugares você pode usar o material para... e outras facilidades você pode usar isso, que também não tinha. E isso permitiu realmente esse tipo de trabalho, treinamento de gente, etc.

NA - E o crescimento.

NK - E o crescimento foi enorme.

NA - Teve reconhecimento internacional por isso?

NK - Também. Também. A OMS, por exemplo, que é para onde a gente manda os relatórios, e encomenda, vê que está absolutamente, quer dizer, esses centros são citados como centros que funcionam, porque tem vários dentro da OMS que também não dão nada. E esse foi bom e serviu como modelo para criar outros programas aqui dentro da Fiocruz.

¹ Ken Mott Chief, Schistosomiasis control Divison of control of Tropical Diseases, WHO/OMS

NA - Eu queria te fazer uma pergunta porque a gente pulou um pouquinho, mas eu queria uma avaliação tua. Se nesse período do Vinícius, com o PIDE - que coincidem - você foi beneficiado e os pesquisadores da área de doenças endêmicas foram beneficiados?

NK - Fomos! Muito.

NA - Foi aí, você acha que aí que você consegue...

NK - É. Porque você tem mais dinheiro... É. Foi a época que teve dinheiro no país para pesquisa. Nós recebemos muito dinheiro!

NA - Você foi beneficiado por esse programa.

NK - Fui. Pessoalmente. Eu participei do grupo que fez o programa inicial do PIDE.

NA - Ah, é?

NK - É.

NA - Quem era esse grupo?

NK - Em Brasília. Era uns pesquisadores... Prata, Coura, os mesmos, eu... Quem mais? Quem dirigia... Como é que chamava? É um cara que tem vários livros sobre política nacional, um cara que manca, que era do ministério do planejamento. Estou ruim de nome.

NA - (Inaudível)

NK - Ele era do CNPq, ele do Ministério do Planejamento, do CNPq, ele que organizou a parte da reunião. Ele tem vários trabalhos aí sobre...

NA - Como é que surgiu essa ideia do PIDE?

NK - Não sei. Surgiu dentro do CNPq. Não sei como.

NA - E você foi chamado para preparar o documento?

NK - É. O Gilbert. Foi uma reunião que nós tivemos em Brasília e que essa reunião... Como é que chama o cara? Tem dois nomes juntos.

NA - Esse que manda?

NK - É.

NA - Depois você lembra.

LF - Como é o nome dele? Economista? Moura e Castro?

NK - Não.

LF - Trabalho sobre política?

NK - É.

NA - Moura e Castro...

NK - Não. Não é não.

NA - Depois você lembra.

NK - Eu vou lembrar o nome dele. Aí chamaram, o Frederico estava.

NA - Frederico Simões Barbosa.

NK - Também. Todo o pessoal que trabalhava em esquistossomose foi colocado numa sala e nós tiramos as prioridades, quais as áreas que deveriam ser estudadas e incentivadas a investigação. Então foi feita uma relação, tem um documento publicado...

NA - Mas em esquistossomose.

NK - Em esquistossomose.

NA - Mesma coisa com as outras doenças.

NK - Foi para Chagas, foi para leishmaniose, foi para malária.

NA - Tinha uma pauta de pesquisa?

NK - É.

LF - E a Fiocruz dentro disso?

NK - Isso nós vamos entrar depois.

NA - Você lembra da pauta?

NK - Não. O que era? Mas tem esse documento. Eu tenho esse documento. Seguramente eu o acho lá. Do que é, quais foram...

NA - O que vocês decidiram...

NK - Onde deveria ser investido...

NA - Financiado.

NK - Financiados. Evidentemente todas as áreas que a gente trabalhava por acaso entraram e mais outras que deveriam ser, que realmente eram áreas importantes: era terapêutica, diagnóstico, controle, epidemiologia, etc.

NA - Foi feito para esquistossomose...

NK - Para Chagas e...

NK - É. É.

NA - Você acha que houve algum desequilíbrio ao longo do PIDE, que durou 10 anos mais ou menos?

NK - Não. Durante, porque funcionou...

NA - Mas...

NK - Não. Ele funcionou bem. Havia verba. Tinha, aquele negócio. Depois no fim foi acabando. Mas funcionou bem. Acho que foi um bom programa. Acho que foi um bom programa. Que foi muito objetivo e foi muito dirigido. Entendeu? Então, aí aumentou muito o número de pesquisadores. O quê que acontece? Como tinha verba naquilo, então muita gente foi estudar aquela doença. Então o grupo de Chagas também se constituiu por causa disso. Mas o quê que acontece? Quer dizer, os indivíduos que estudavam outros modelos, quer dizer, ele podia até estar estudando outra coisa, não tinha nada a ver, mas se ele estudava um modelo de (inaudível), não vou estudar um modelo de tripanosoma. Então ele só mudava o modelo, continuava estudando a mesma coisa, só que ele sabia que se fosse lá ele buscava dinheiro.

NA - Quer dizer, continuava a história do clandestino?

NK - Clandestino mais ou menos. Porque ele podia buscar desde que, porque não era doença de Chagas, era qualquer coisa relacionada à doença ou ao tripanosoma. E passou hoje a ser muito mais estudado o tripanosoma do que a doença.

NA - Isso não aconteceu em esquistossomose?

NK - Não. Em esquistossomose não.

NA - Por que?

NK - Não sei porque. Mas não aconteceu. Não aconteceu.

LF - Tem muita gente jovem para estudar esquistossomose?

NK - Não. Não sei. Não sei dizer.

NA - Entrou biólogo molecular na esquistossomose?

NK - Entrou. Entrou.

NA - Tanto quanto entrou em Chagas?

NK - Não. Menos. Menos. Esquistossomose menos, mas tem. É mais recente. A esquistossomose é mais recente.

NA - Você tem ideia de que tipo de profissional foi ingressando em esquistossomose?

NK - O maior número de áreas estudadas é onde a gente tinha tradição: era terapêutica, epidemiologia, controle e malacologia.

NA - Médicos?

NK - Médicos...

NA - Sanitaristas?

NK - É. A maioria talvez sim. Pelo menos os cabeças.

NA - *Seniors*.

NK - É. Os *seniors*.

NA - São *seniors* da área.

NK - Os *seniors* são médicos.

NA - E biologia molecular entra aí como?

NK - Entra depois. Aí entra imunologia, mas também ligada muito aos estudos de epidemiologia, não é imunologia básica, é aplicada. Tudo aplicado. E agora, mais recentemente, entra o grupo de genoma de *Schistosoma*, que também é no René Rachou, que é o Simpson que é o.. Nós convidamos o Simpson para trabalhar lá...

NA - Que Simpson?

NK - Andrew Simpson.

NA - Andrew?

NK - É. Que veio da Inglaterra. O convidamos para trabalhar e aí ele começa, faz um acordo com o Sérgio Pena e com Craig Benton (?), nos Estados Unidos, para estudar o genoma do *Schistosoma*. Mas isso são três anos.

NA - E o TDR entra aí na pesquisa?

NK - O TDR também foi importante no momento que eles começaram a dar dinheiro também para as mesmas doenças endêmicas parasitárias.

NA - Você tem notícias desse programa internacional.

NK - É. Também. Internacional e depois do PIDE. Então depois que o PIDE acaba, você começa a ir ao TDR buscar dinheiro para esse tipo de estudo.

NA - Você diria que a tua pesquisa foi financiada primeiro com o dinheiro do PIDE, depois do TDR, maciçamente?

NK - Não. O PIDE sim. TDR não.

NA - TDR é pouco?

NK - É pouco.

NA - E você financiou tua pesquisa nos anos 80 com o que? Fiocruz?

NK - Fiocruz, CNPq, Fapemig, Finep... Finep teve dois programas grandes institucionais que dava para tudo.

NA - Inclusive pessoal?

NK - Tudo. Deu para tudo. Finepão foi importantíssimo. Depois acabou também. Mas foi muito tempo. E a Fapemig financia muito projeto para a gente.

NA - Quantas pessoas tem no teu laboratório hoje?

NK - No laboratório deve ter 14.

NA - E você construiu essa equipe nos anos 80?

NK - É.

NA - Foi isso?

NK - É. Mas hoje tem mais, contando os estudantes tem mais.

NA - Não, mas de pesquisadores.

NK - De pesquisadores... Estudantes eu estou falando de pós-graduação.

NA - Sim. Pós-graduação.

NK - Deve ter isso. Tem mais de 14 pessoas. Tem que até contar, mas tem.

NA - Porque a ideia que se tem é que em Chagas, que a gente sabe um pouco mais dessa história, na verdade a pesquisa se ergueu, apesar de se falar muito de reestruturação da Fiocruz, em função do dinheiro do PIDE e da Fiocruz..

NK - Mas o dinheiro da Fiocruz é muito dinheiro. É muito...

NA - Hoje está...

NK - É. Mas já tem alguns anos. É muito dinheiro.

NA - Quantos anos?

NK - Na maioria dos trabalhos o principal dinheiro ainda era a Fiocruz. Os outros entram associados.

NA - Em 85?

NK - É. De 85 para frente.

NA - Quando o Arouca entrou?

NK - É. É dinheiro da Fiocruz. A maioria do dinheiro, a maior parte do dinheiro é orçamentária.

NA - Qual é a avaliação que você faz do ponto de vista financeiro, não político-ideológico, evidentemente, entre administração de Vinícius e Guilardo?

NK - Eu vou fazer um resumo bem resumido.

NA - Essa passagem.

NK - O Vinícius para mim é isso: é a reestruturação, é a caracterização da Fiocruz, é a modernização, é realmente reinstalar a Fiocruz como órgão de pesquisa, tecnologia, produção, desenvolvimento, etc. Ele faz essa... Isso eu acho que só um economista faria, que um administrador de empresas faria. Doutor não faria isso não! Aí vem o Guilardo que, no meu modo de ver, é uma pessoa, gosto dele pessoalmente, não tenho nada pessoalmente contra ele, o contrário. Quer dizer, as perseguições que aconteceram aqui contra ele fui contra, que eu acho que ele foi também uma pessoa direita, pessoa muito acessível, fácil, mas não fez nada. Que ele não nos ouça. Nem para lá e nem para cá. Não perseguiu ninguém, não prejudicou ninguém, mas também não...

NA - Beneficiou ninguém.

NK - ... não beneficiou ninguém. Não era a dele. Ele não sabia, acho que ele não sabia que ele estava aqui. Mas não contribuiu nem descontribuiu. Manteve o que o Vinícius tinha feito. Quando o Arouca assume, para mim a grande coisa do Arouca que eu acho foi a democratização ou a distribuição do poder dentro a Fiocruz. Com a criação do Conselho Deliberativo, onde as discussões principais são feitas, até um pouco contra a personalidade do Arouca, e aí é um negócio, porque o Arouca é um ditadorzinho, só que ele escutava. E pôs todo mundo junto. Agora, ele criou um monstro que depois, hoje comeria ele. Hoje ele não agüentaria trabalhar com o CD. Porque se ele entrava na reunião do CD, já estava tudo pronto. Quer dizer, tinha uma aparente discussão. É a democracia do pecêzão. Mas tudo bem. Mas ele criou uma estrutura muito importante. Quer dizer, a da escolha dos diretores, a do CD, a de discutir o negócio. E que o Morel agora realmente democratizou. Quer dizer, a primeira vez que o orçamento é colocado na mesa é na administração do Morel. Isso não tinha! Isso não tinha!

NA - Mas é nesse período que você disse que tem recursos...

NK - Aí 85 cresce também o recurso, passa a ter uma capacidade de distribuição de verba e que você começa a ter uma negociação de verba diferente. Que antes mesmo, na época do Vinícius, na época do Guilarido, você tinha que buscar o dinheiro com aquele, como é que chamava? Ivanildo. Entendeu? Que cumpria, que não cumpria, que tinha que pedir pelo amor de Deus, que etc etc. E aí eu vou contar uma história também que é interessante. O Zigman era diretor e eu vim ao Rio, combinei com o Ivanildo um negócio, nem lembro mais que assunto que era, mas que acertamos como ia ser feita a coisa, e tal. Acontece que 15 dias depois eu liguei para ele: “Ivanildo, nós não combinamos isso? Não aconteceu”. “Não aconteceu e nem vai acontecer”. “Mas pô, nós não falamos, não acertamos aí o que tinha que...” Ele falou: “Não vou fazer não e não tenho que te dar satisfação”. “Então você vai à puta que te pariu”. Evidentemente que ele desligou o telefone. Passados 5 minutos o Zigman me chama na sala: “Naftale, você conversou com o Ivanildo hoje?” Eu falei: “Você está me perguntando como meu amigo ou como diretor? Porque se foi como diretor, não falei com ele. Agora, se for como meu amigo, eu te conto”. “Então é como amigo”. Eu falei: “Eu mandei ele para aquele lugar”, “Mas você não pode fazer isso. O cara está ligando, pedindo punição. Aí como é que eu vou fazer?” Eu falei: “Eu não falei nada. Não falei ué. O diretor está dizendo. Eu não liguei para ele. Não falei nada com ele”. Mas era assim. Por que? Você tinha que vir bajular, pedir pelo amor de Deus para receber um dinheiro para o centro.

NA - O Ivanildo tinha todo esse poder?

NK - Total. Era o homem da mala. E dava para quem queria. E do jeito que queria. Você não tinha orçamento. Você não sabia com o que você podia contar. O que você contava você podia não ter, porque dependia do humor dele. Isso foram anos.

NA - Pois é, mas nessa época a Fiocruz, então o financiamento à pesquisa não vinha da Fiocruz.

NK - Vinha.

NA - Mesmo assim?

NK - Vinha. Vinha. Tinha esse negócio. Você tinha que pedir pelo amor de Deus. Você tinha que aceitar. Você tinha que considerá-lo grande herói administrador, herói da cocada preta, mas tinha o dinheiro, porque tinha dinheiro. Entendeu? A maioria do dinheiro era da Fiocruz. Agora, tinha dinheiro do CNPq, de projetos, muito dinheiro, tinha dinheiro de fora. Nós sempre tivemos dinheiro de fora. Muito! Muito!

NA - Muito dinheiro fora do próprio país?

NK - Fora do país! E do país! Porque o centro, os pesquisadores são muito respeitados. Entendeu? Então todo mundo que pede projeto, ganha.

NA - Você esteve em algum comitê do CNPq? Você participou?

NK - Participei do PIDE. Mas o comitê, aqueles de seleção não.

NA – Mas participaou daquele de avaliação, seleção? Você nunca participou?

NK - Não. Não.

NA - Você participou da formação inicial do programa.

NK - Só.

NA - Você sabe por que o PIDE acabou?

NK - Eu acho que acabou a verba mesmo. Eles deslocaram as verbas. Acabaram com o programa especial. Foi a época que acabaram com todos os programas especiais. Tinha o de matemática, tinha o de genética, tinha o PIDE.

NA - Eram quatro ou cinco.

NK - É. Aí resolveram acabar com todos os programas especiais e acabaram. O que eu acho bobagem, porque quando você quer desenvolver uma área, nada melhor do que um programa. Nada melhor. Está aí a bomba atômica que foi assim. Está aí o foguete que foi para a lua, foi assim. Eu acho que não tem nada... Quando você quer incentivar uma área, entendeu, sem proibir as outras. Você não tem que proibir as outras. Agora, dá dinheiro numa que todo mundo corre.

NA - Agora, vamos. Eu queria te perguntar uma coisa sobre a biotecnologia, sobre aquele trabalho. Quer dizer, como é que você vê essa ciência vocacionada para o mercado? Que é assim que ela é apresentada em vários trabalhos a respeito dela no mundo. Qual é a característica da biotecnologia, pesquisa básica que nasce na universidade mas se volta para o mercado. Como é que você vê isso no Brasil e na Fiocruz?

NK - Eu não acho que tem nenhum problema. Eu acho que devia ser incentivado, por exemplo, venda das descobertas feitas aqui dentro. Eu acho que... Porque também você...

NA - Você tem descobertas...

NK - Tem. Tem.

NA - Com a Miriam Tandler.

NK - É. Porque você faz uma descoberta...

NA - E sua pesquisa é sobre o que?

NK - Hein?

NA - Qual é o seu...

NK - Vacina de esquistossomose.

NA - Vacina?

NK - É. Depois vou...

NA - Tudo bem.

NK - Depois vou contar essa estória. Agora, isso tudo só pode ser usado dentro de 20 anos. Não pode ser usado atualmente. Bom, o que acontece com a tecnologia? Se você investe, se você descobre as coisas aqui, e se nós estamos dentro de um mundo que o que vale é a patente, o que vale é a venda, nós não podemos ficar diferentes. Você pode até ter a patente e dizer assim: “Ao governo brasileiro não cobro nada. Dou de graça. Ou eu quero desenvolver isso ou dou a licença do fulano fazer, porque isso é uma coisa de necessidade da população brasileira, não quero *royalties*, não quero nada”. Parabéns. Mas você não pode fazer uma descoberta também que você entregue para um outro laboratório que vai ganhar dinheiro em cima da sua descoberta, você não vai receber nada. Isso não tem sentido! Como instituição não tem sentido!

NA - Mas você sabe que há uma certa resistência...

NK - Muito! Muito!

NA - ... no setor público. Pesquisador de setor público não deveria pedir patente...

NK - Mas eu sou totalmente contra! Eu sou totalmente contra! Porque no mundo não é assim. Não é possível que nós vamos estar completamente diferentes do resto do mundo. O Brasil acaba de assinar um negócio de patente.

NA - É. A lei.

NK - Então agora, daí a pouco, você vai estar pagando coisa que você descobriu? Você não patenteia, o outro usa aquilo, descobre o negócio, patenteia, você vai pagar por uma descoberta sua. Isso é burrice! Então eu acho que tem que ter mesmo. Tem que ter dentro da Fiocruz um órgão competente para registros das descobertas, para ver o que pode publicar, o que não pode publicar, porque isso atrasa dois, três meses. E não é isso que vai fazer uma pessoa deixar de ser produtiva ou virar produtiva. Isso é um argumento absolutamente falacioso e não é verdadeiro. Porque se o cara só tem um trabalho na vida, que aquilo que vai dizer que ele é produtivo? Ele já é improdutivo por definição. Então tem que haver realmente essa... Agora, isso se faz não por censura, não como foi proposto, que tem que mandar tudo para um lugar para alguém julgar. Não é isso! Você cria essa cultura dentro da instituição e o próprio pesquisador começa a identificar o que é patenteado, o que pode virar produto e o que não vira.

NA - Mas você acha que isso que você está dizendo, essa tua opinião, ela é majoritária na comunidade científica brasileira?

NK - Eu acho que não. Eu acho que ela é minoritária.

NA - Por que?

NK - Porque o pessoal não tem essa cultura. Nós estamos vindo de uma coisa que o cientista tinha que ser pobre, louco, exótico. É isso que é toda a caricatura e todo lugar você vê, isso é o que se diz que todo cientista é. Por que o cientista não pode ganhar dinheiro com a produção dele? Porque nos Estados Unidos não é assim, na França não é assim, na Inglaterra não é assim. Hoje eles patenteiam tudo. Tudo que você vê que os caras apresentam, eles já patentearam antes. Então eles que estão errados e nós que estamos certos? Isso é feito no mundo inteiro.

NA - Eu lembrei do Emanuel Dias agora.

NK - Também. Ele usou a vacina e ficou rico com a vacina da Fiocruz. E a Fiocruz parou de fazer a vacina de Manqueira, que é uma doença que mata o gado violentamente.

NA - Ele levou a Manqueira?

NK - Levou. Levou. Ficou com ele. Fabricou lá e ganhou dinheiro. Ele tem fazendas lá até hoje!

NA - Agora, isso ficou eticamente assim...

NK - Não foi discutido.

NA - Não foi discutido?

NK - Não foi discutido. Porque na época você nem podia ganhar dinheiro. Um órgão público não podia transformar nada em dinheiro. Não tinha diretamente arrecadado. Isso é criação nova.

NA - Isso pegou mal para ele no meio da comunidade?

NK - Olha, eu acho que o que pegou mal é ele ter usado uma coisa que era institucional para ficar para ele.

LF - Era historicamente institucional.

NK - É. Isso é mal, entendeu? Isso é mal.

LF - Mas isso não é sequer citado.

NK - Não. Não. Mas isso eu acho que é uma coisa... Entendeu? Agora, tem o outro lado. Você oferece um tanto de coisas para a Fiocruz, ela não toma a menor iniciativa para fazer virar produto.

NA - Por exemplo?

NK - Nós já oferecemos aqui um antígeno que você pode separar fazer aguda de fase crônica de esquistossomose. Não mexeram.

NA - Você ofereceu para quem?

NK - Para a presidência, para a gestão tecnológica. Entendeu? Você quer uma definição, não tem definição. Você não consegue definição daquilo. Esse negócio da vacina sai na porrada.

NA - O negócio da vacina é a patente?

NK - É a patente. E começou porque um companheiro da Austrália ouviu a apresentação e numa conversa ele ficou: “Mas vocês patentearam isso?” “Não”. “Mas não pode”. Ele que falou. Então vamos lá no Morel. Aí viemos juntos no Morel. Aí que o Morel se deu conta da importância que era patentear a coisa. E aí começou o movimento todo da patente.

NA - Você tinha feito esse trabalho com Miriam...

NK - Miriam e Simpson.

NA - Como é que foi isso?

NK - A estória deve ter várias versões. Vou contar a minha.

NA - A sua, evidente. Evidente.

NK - A Miriam é minha estudante de mestrado e doutorado. Então, um dia eu venho aqui no Rio e ela tinha como objetivo estudar todos os antígenos que têm dentro de uma mistura de verme. Quando você deixa o verme na salina, ele libera uma porção de antígenos. E ela queria estudar todos os antígenos sem nenhuma finalidade, a não ser de conhecer todos os antígenos. E isso ela trabalhava com o Maurício Carpin, que era da universidade, durante muito tempo nessa área. Um dia eu chego no Rio e ela vira para mim e falou a seguinte coisa: “Você quer um coelho que nós não vamos usar mais para tirar soro, que nós imunizamos ele, nós já tiramos todo o soro, anticorpo, tal. Você quer esse coelho para você?” Pensei: “Vou fazer um ensopado de coelho. Limpinho. Tudo bem”. Faz o seguinte: “O que você fez com o coelho?” Ela contou. “Por que você não vê se esse coelho está vacinado contra a esquistossomose? Se ele tem essa produção de anticorpo que você está dizendo que ele tem, que você tirou, vê se ele está vacinado”. Aí fez e deu. Um coelho. Ela falou: “Então vamos desenhar um para ver se isso repete”. Aí começou. Aí deu.

NA - De novo?

NK - Deu. Aí já a coisa... controle, porque isso não foi feito nada. Foi feito um, infectou, e esse infectou. E deu 100% de proteção. Bom, então vale a pena investir nisso. Então vamos estudar isso. Então pegava uma mistura, que é essa salina, o verme colocado na salina, tudo que liberava lá, centrifugava, pegava aquilo, injetava no coelho. Aí fizemos um grupo infectado, um grupo vacinado, um grupo não vacinado. Infectamos dois. Começa a proteção de 90, 100%. Isso é muito interessante! Mas o coelho não é o modelo para estudar esquistossomose, porque ele é um mau hospedeiro. Claro, quando você passou para estudar em camundongo, mas durante anos foi estudado em coelho. Aí foi a

tese dela de mestrado, depois foi a tese de doutorado, para tentar entender o que estava acontecendo num mau modelo que é o coelho. Mas que eu achava que era bom, porque como ele amplifica demais as respostas, se você usasse outro, você perderia algumas das respostas, e como ele amplifica muito, ele é bom. Embora ele não possa ser o modelo para o homem. Como ninguém sabe qual é o animal que é o modelo para o homem, mas ele, seguramente, não é um bom modelo.

NA - Camundongo seria melhor.

NK - Seria melhor. Aí vai para o camundongo e o camundongo dá em torno aí de 55, 60% de proteção. Entre 50 e 60 dependendo da experiência. Que é muito parecido com os outros antígenos que têm no mundo. São cinco que estão sendo estudados como vacinas promissoras. Então não estamos nem pior nem melhor do que os outros. Porque ainda tem uma porção de coisas básicas que não se sabe e que vai dificultar chegar na vacina para esquistossomose. Aí eu li uns trabalhos de um cara de Porto Rico, do George Hillyer, mostrando que tem um antígeno cruzado entre fasciola e esquistossomose. E a Miriam, num curso que ela fez fora, foi de separar antígeno, clonar antígeno, essas técnicas modernas de biotecnologia. E junto com uma coreana que trabalhava na Alemanha, eles clonaram e descreveram o SM14 como um dos antígenos que tinha sido clonado naquela... Foi na prática do curso de 15 dias nos Estados Unidos, em Ann Harbor, que todo ano tem esse curso, que o Alan Sher que era o diretor. Eu pedi para ela fazer o curso. O Alan Sher é meu amigo e ela fez o curso.

NA - Alan? Como escreve esse nome?

NK - Alan Sher, que é o diretor do curso. S, h, e, r. Então ela fez o curso. Tinha um exercício prático. O exercício prático foi esse. Então eles clonaram esse antígeno. E chegou lá, depois publicou, a Miriam publicou junto com a Klinkert que hoje está na Alemanha. E veio embora e continuou trabalhando, estudando os coelhos, camundongos e tal. Aí foi a mesma coisa, eu falei: "Miriam, já que tem esse antígeno purificado e esse SM14 está dentro do SE, quem sabe que isso dá proteção?" Fez. Deu. Mas ainda continuei sem entusiasmo, como estou até hoje, de passar isso para o campo, embora o Capron que tem o P-28...

NA - Que é outro antígeno?

NK - Que é outro antígeno e que dá a mesma coisa, em torno de 50, 55% em camundongo. Não dá mais do que isso. Já está preparando para fazer em voluntários e depois vão fazer isso no Senegal. Eu sou contra.

NA - Por que?

NK - Porque eu acho que uma vacina que só diminui o número de vermes em 50%, para mim não é vacina. Não tem valor.

NA - É precisa contar isso.

NK - Não tem valor. Isso é o meu conceito. É discutido. Capron quer me matar por causa disso. Perdi de ficar no TDR, seguramente, por causa disso. Eu fiz uma avaliação. Eu era o *Chairman* do grupo de esquistossomose durante quatro anos, em Genebra.

NA - Do TDR?

NK - É. TDR. E no relatório final eu apresentei isso, e dizendo que não devia ser investido em cima de vacina os estudos de esquistossomose. Que hoje nós sabemos como controlar a esquistossomose. E que não precisava ser em cima de vacina. Você fazendo terapêutica e saneamento, você resolve o problema. E que você quisesse investir todo o dinheiro em vacina, eu achava que era um desperdício. Que da mesma vacina você tem que fazer em (inaudível). Enquanto que se você fizer saneamento, você vai resolver. A vacina para 20 doenças parasitárias e bacterianas é você ter saneamento. Então fica muito mais barato você ter 20 vacinas de uma vez só, mesmo que o investimento maior que... Mas não é a lógica. Porque a vacina você vende, você recebe dinheiro. Saneamento não é bem assim. Não é o mesmo pessoal que ganha dinheiro. Então não pode ser isso. Está bom. Isso foi colocado lá e a outra coisa que, seguramente, eles não gostaram também que eu mostrei que a divisão do dinheiro - que o TDR recebe dinheiro de todo lugar - 20% do dinheiro vai para país subdesenvolvido, 80% para os países de primeiro mundo. E eu mostrei que a divisão do número de julgadores, dos *experts* das várias comissões por acaso era 20 e 80. 20 do terceiro mundo e 80 do...

NA - Primeiro mundo.

NK - Primeiro mundo. Aí quiseram me matar. Mas eu usei os dados que eu consegui do TDR, porque eu não tinha esses dados. Eu pedi que eles levantassem para mim. Então falei: "Esses são os dados que eu recebi. Só analisei. E mostrei isso lá". Bom, não fui reconduzido a...

NA - Que período você foi *Chairman*?

NK - Tem três anos que eu saí.

NA - Mas você ficou de quando a quando?

NK - Fiquei quatro anos seguidos.

NA - Deve ser final de 80.

NK - É. Até 92, 91.

NA - Como você foi para lá?

NK - Foi interessante. Como é que foi o negócio? Porque me chamaram um ano para ser... Como é que é? Observador. É um nome assim que...

NA - É. É observador.

NK - É. Aí quando...

Fita 4 - Lado A

NK: Por quê? Quer dizer, por onde que passa esse negócio para chegar? Não consegui explicação.

NA: Quem é que faz parte desse grupo de esquistossomose lá? Fazia parte.

NK: Muda. Isso vai mudando. Porque cada um, você pode ficar três ou quatro anos. E aí muda. Se bem que tem uns que...

NA: Mas tinha muitos pesquisadores.

NK: Pesquisadores.

NA: Como é que vocês chamam esses pesquisadores para participar do grupo?

NK: Não sei.

NA: Você foi o *Chairman*. Quem você chamou?

NK: Eu não chamava. Quer dizer...

NA: Já estavam lá?

NK: É. Quem chama é o Godal, que é o chefe do TDR. Não sei como é feita a escolha. E quem vai ser o *Chairman*, quem não vai ser... não passa. Quer dizer, quem me sucedeu também, que era Metha Stranz(?), que é um grande imunologista em esquistossomose, nunca perguntaram, nunca discutiram.

NA: Nunca te perguntaram.

NK: Não. Nunca. Nunca perguntaram. Nunca tinha...

NA: Vocês têm reuniões anuais?

NK: É. Anual.

NA: Está fazendo trabalho...

NK: Anual ou bianual. Não, julga os... julga os... projetos.

NA: É uma comissão de julgamento?

NK: É. Julgamento dos projetos para distribuir a verba de projetos.

NA: E qual a orientação?

NK: Não. Aí tirado no grupo. Dentro das prioridades, porque foram feitas as prioridades também, aí são os trabalhos melhores, os mais bem elaborados.

NA: Quer dizer, como eu estou entendendo, houve num certo momento, vacina foi prioridade.

NK: Agora ela é.

NA: Agora?

NK: É. Passou o seguinte: o negócio da vacina estava com a Edna McConnell Clark Foundation. Ela que estava incentivando as vacinas em esquistosomose. Ela tinha 400 mil dólares por ano para isso. E a Edna McConnell Clark Foundation saiu fora de esquistosomose.

NA: Fala de novo senão a transcritora vai ficar louca.

NK: Edna McConel Clark Foundation.

NA: Foundation. Isso o que é, americana?

NK: Nos Estados Unidos. Americana. E aí eles saíram do programa de esquistosomose e pegaram esse dinheiro e o programa e entregaram para a OMS, para o TDR. E o TDR assumiu esse programa. E fizeram, inclusive, um grupo separado, que era o grupo da vacina. Depois ele foi incorporado ao grupo normal. E existe um grupo que incentiva esse desenvolvimento e existe um outro que não concorda com isso como prioridade e eu me incluo nesse.

NA: Pois é. Eu entendi o teu argumento, mas qual é o argumento dos outros?

NK: Que precisa da vacina porque não vai ter desenvolvimento, não vai ter crescimento econômico, não precisa ter, não vai ter nos países subdesenvolvidos, então você dá a vacina.

NA: Mas o teu argumento é muito forte. Saneamento resolve.

NK: Só para nós! Só para nós! Porque essa não é a ótica. Se você falar: “Descobri um negócio que ninguém mais vai precisar tomar remédio e que não custa nada”. Você está morto. Por que vai...

NA: Mas será que não tem também envolvida aí uma outra questão da própria carreira científica, ou seja, não é uma questão comercial, mas uma questão da carreira, ou seja, dos imunologistas, dos biólogos moleculares...

NK: Também. Também. Seguramente. Também.

NA: E tem interesse...

NK: Também. Porque sobrevivem disso. Claro, também. Também.

NA: Porque assim você vai tirar o emprego desses caras.

NK: Também! Também! Também tem! Claro que tem. Claro que tem. Foi o que o cara falou. O Capron investiu cinco milhões até agora, até o último dado que eu tive, dois anos atrás, cinco milhões de dólares. Ele me perguntou isso no desenvolvimento do P28 como vacina. Ele falou: “Isso tem que virar vacina agora ou não?”

NA: Ele falou para você?

NK: É.

NA: Ele é de onde?

NK: Do Pasteur, em Lille, na França. Então o que que eles fizeram? Fizeram um baita de um centro no Senegal. E a última reunião que eu participei foi lá no Senegal...

NA: Onde você disse isso.

NK: É. Eu disse isso em Genebra. E no outro ano eu fui ao Senegal e acabou.

NA: Acabou.

NK: Acabou. Eu também tinha vencido o meu prazo. Quer dizer, só podiam ter reconduzido. Mas não reconduziram. Mas tudo bem.

NA: Você acha...

NK: Se eu tivesse sido mais ameno, como o Morel é...

NA: Não tão inconveniente.

NK: ... eu teria continuado. É.

NA: O Morel é mais ameno?

NK: É. O Morel não faz críticas desse tipo. Ele não faz críticas. O Morel aceita muito mais...

NA: Fácil.

NK: Ah, aceita muito mais as coisas. Ele aceita, entendeu?

NA: Ele foi conduzido ao cargo lá.

NK: É. Agora ele subiu, ele está no Stac(?), está como diretor. Nós apresentamos isso ao STAC (?). Ele apresentou, como ele era do grupo de reforço institucional, *Chairman*, e eu era do grupo de esquistossomose. E eu fiz uma análise das coisas, para onde foi o dinheiro, o que foi, reclamei que não tinha mulher. Durante esses 10 anos só tinha tido

duas mulheres. Entendeu? Enquanto o resto tudo de homem. Eu falei: “Olha, não é possível que não tem mulher que saiba alguma coisa!” Indiquei umas mulheres para serem chamadas. Eu falei: “Olha, essa mulher é ótima. Tem uma na Venezuela que trabalha muito bem em esquistossomose. Por que que ela não pode participar de uma reunião?” Indiquei o nome dela, entendeu? Eu fiz essas análises. Eu fiz uma análise baseada nos dados deles. Quer dizer, faltava mulher, faltava gente de terceiro mundo...

NA: Americano tem? Participa?

NK: Tem. Americano, inglês...

NA: Não. Latino-americano?

NK: Latino-americano? Não.

NA: É você?

NK: No grupo de esquistossomose era só eu.

NA: Quem é no Brasil agora?

NK: Agora é o Rodrigo Correia de Oliveira, que é de Belo Horizonte.

NA: Você indicou?

NK: Não.

NA: Foi chamado?

NK: Foi chamado pelo grupo da vacina.

NA: Ah, pelo grupo da... Tem esse nome, grupo da vacina?

NK: Porque ele é imunologista. É, porque, era o grupo da vacina da outra fundação.

NA: Que passou para lá?

NK: Que passou para lá.

NA: Na verdade, pelo que eu estou entendendo, o comitê de esquistossomose hoje está dominado pelo grupo da vacina. É isso?

NK: É. Hoje mudou muito. Hoje não tem mais comitê de esquistossomose. Eles acabaram com negócio de doenças. Agora é desenvolvimento de produtos. Escolhambaram o negócio todo.

NA: É? Na tua opinião foi isso? Desenvolvimento de produtos como assim?

NK: Eles querem produtos: ou kits para diagnóstico ou remédio ou vacina. Então os estudos básicos ficaram com a prioridade mínima, ficaram com muito pouco dinheiro. E os estudos de campo só aqueles que forem preparar para usar...

NA: O produto?

NK: É. Por exemplo, na vacina, tem dois grupos estudando: um da Bahia, que é do Edgar e outro grupo no Egito. O que eles estão fazendo? Estão estudando gente para se tiver que usar a vacina. Bom, mas aí voltamos para o Sm-14. Então o que acontece? Foi publicado esse trabalho com o Sm-14 e não foi usado para nada. Aí eu falei com a Miriam: “Miriam, vê se isso tem proteção ou não tem”. E ela fez e deu. Mas como dá esse negócio em torno de cinquenta, isso não me entusiasma. Isso é uma briga que eu tenho com ela, porque ela fala que eu sou contra a vacina, que eu torço contra a vacina. Não adianta eu torcer ou distorcer. Quer dizer, não é isso! Não passam por aí as coisas. É meio mágica. Eu sou materialista absolutamente, então não é minha torcida ou eu dizer que vai dar certo ou vai dar errado que vão mudar as coisas. Bom, mas aí como saiu esse trabalho do George Hillyer mostrando que o negócio que ele chama de FH15, que é muito parecido, que ele tem uma homologia muito grande, a distribuição de amino... de bases...

NA: De bases.

NK: É. De bases. É muito parecido com o Sm-14, que tem uma homologia muito grande, e que protege em fascíola. Então vamos fazer em fascíola para ver o que dá. E aí o resultado foi espetacular. Aí o resultado foi...

NA: Subiu? Aumentou?

NK: Desaparece tudo. Aí em camundongo, que não é o melhor modelo, mas é o modelo primeiro que você usa, protege totalmente. O bicho não tem nada.

NA: 100%?

NK: 100%. E não tem uma lesão, nada. Está muito bom para ser verdade. Vamos repetir. Repetiu. Não tem dúvida nenhuma. 100% de proteção. Então o que tem que fazer? Agora nós temos que fazer em boi e em carneiro.

NA: Mas com o Sm-14?

NK: Sm-14 em fascíola.

NA: Ah, fascíola.

NK: Em fascíola. Então vamos fazer e ver o que... Embora seja uma proteína tirada do schistosoma, ele protege contra fascíola mais do que protege contra *mansoni*. Quase reação cruzada. O que não é estranho, porque isso acontece em muitas coisas. Nesse caso deu sorte. Bom, aí quando saiu o resultado da fascíola, aí então, e chega, apresenta isso num simpósio, que o Grant Mitchell está aí, ele vira e: “Mas vocês tem que patentear isso”. E ele passou a ser diretor de uma firma de vacina que era pública e foi privatizada.

NA: Isso na Austrália?

NK: Na Austrália. E que é um exemplo hoje de que uma coisa pública pode ser privatizada.

NA: Lá. Exemplo lá.

NK: O Bresser Pereira de lá fez e achou que está ótimo. Bom, aí fizeram o negócio lá e ele entusiasmou e fomos no Morel. Mitchel, então você vai conversar com o Morel.

NA: Qual é o nome dele mesmo?

NK: Grant Mitchell.

NA: Mitchell?

NK: É. Aí ele foi. Ele é um grande imunologista. Altamente respeitado. Um cara que é membro da OMS há muito tempo. E o Morel tem uma admiração muito grande por ele. Quando o Morel ouviu, e o Morel é um pesquisador, ele sabe do que está falando, na mesma hora falou: “Então vamos patentear”. E aí começou, chamou Celeste: “Vamos patentear isso”. E começou o processo. Foi contratado um escritório de advocacia fora e está sendo patenteado em 8 países. Então foi feito o requerimento e tal. E começamos a negociar com essa companhia, que é a CSL, que o Grant Mitchell é o diretor científico, a venda para eles. E agora também está nos finalmente para acertar o contrato. Eles já assinaram o contrato de confidência, quer dizer, não podem contar para ninguém. E vão fazer o acordo porque eles vão ensaiar. Vergonhosamente, nós não conseguimos ensaiar no Brasil em carneiro. Não tem jeito. Você vai num, não consegue. Foi noutro, não consegue. Não conseguimos. Aqui o Dr. Nicolau não conseguiu.

NA: Mas como?

NK: Não conseguiu. Não conseguiu. Então tivemos que fazer um acordo com eles...

NA: Eles vão fazer o ensaio.

NK: Eles vão fazer o ensaio e ainda vão pagar 40 mil dólares para a Fiocruz para ter o direito de fazer o ensaio.

NA: E depois?

NK: Depois vão negociar, se der bem, aí vão negociar o novo...

NA: O valor.

NK: ... o valor da... Aí são milhões.

NA: É mesmo?

NK: É. Porque o mercado é enorme. E é o mercado mais importante porque é mercado de gado. Não é um mercado hoje... de carne animal é muito mais importante do que carne humana.

NA: Aí a vaca louca vai...

NK: A não ser a carne humana que a gente compra à noite. Essa também é importante. A carne humana que a gente compra à noite. Essa é boa também. (*risos*) Mas o resto não tem o menor valor. Hoje as multinacionais, por exemplo, não estudam nenhuma droga para as doenças endêmicas parasitárias. Nenhuma. Não tem ninguém estudando isso. Já há anos. Nem Chagas, nem esquistossomose, nada, nada, nada. Ninguém tem interesse. Porque não tem mercado. Quer dizer, tem mercado potencial porque você tem muita doença. Mas se não tem, eles não compram, os países subdesenvolvidos não compram droga para isso.

NA: Não têm dinheiro.

NK: Não têm dinheiro. Ou tem e usam em outras coisas.

NA: E vocês pesquisadores têm algum benefício, lucro, dinheiro nisso?

NK: Neste acordo, que deve sair agora, e que desde 85 vem sendo tentado, e que já sumiu da mesa da presidência uma vez, mas, isso na época do Doutor Arouca, mas agora, finalmente, vai sair o ato do Morel... Já saiu? Bom, se saiu está bom. Porque o CD se reuniu sexta-feira.

NA: Agora?

NK: É. Não. Saiu, ia sair. Não. Não. Saiu não. Ia sair. Não saiu. Agora, na última sexta-feira, parece que fechou o documento e o Morel ficou de publicar ele agora.

NA: E aí? Como vai ser?

NK: Aí é o seguinte: dois terços entram como diretamente arrecadado para a Fiocruz e um terço é dos inventores.

NA: A patente...

NK: É. Até o valor máximo que corresponde a mais ou menos 100 mil dólares, que foi dito que seria 13 salários do presidente da República.

NA: Isso é para o pesquisador?

NK: Para o pesquisador. Quer dizer, o máximo por ano seria isso para os inventores e dois terços seria para a Fiocruz.

NA: Você achou isso aceitável?

NK: Que eu achei bom. Achei que estava bom. Acho que está bom. Está bom.

NA: E nesse caso são dois. Você tem que dividir...

NK: Três. Com a Miriam e com o Simpson. Como é que o Simpson entrou? Então, onde é que o Simpson entrou?

NA: Pois é, onde é que ele entra?

NK: Quando chegou o negócio do Sm14 e mostrou que deu atividade, tinha que produzir. E aí que entram as técnicas de biotecnologia. Como é que se produz isso? E nós não sabemos produzir. E ele sabe.

NA: Aqui em Bio-Manguinhos?

NK: Não. Lá no René Rachou.

NA: Sim, mas aqui em Bio-Manguinhos também você não tinha nenhum...

NK: Poderia até fazer um acordo com alguém. Mas como ele estava lá e ele é altamente competente, entendeu? Aí começou a expressar isso em vários sistemas e começou a produzir. E aí ele entrou como um...

NA: Um parceiro.

NK: ... como um parceiro na descoberta. Mas ele entrou agora no fim só porque ele começou a produzir.

NA: Ele é o que? Biólogo molecular? Imunologista?

NK: Ele é biólogo molecular. Ele é biólogo molecular. Muito competente. Extremamente competente.

NA: Essa parte ele...

NK: Agora ele saiu da Fiocruz. É. Ele saiu da Fiocruz e está no Ludwig, no instituto de câncer em São Paulo. Por causa de salário.

NA: Ele era uma pessoa do René Rachou? Formado lá?

NK: Não. Ele foi convidado... Não. Ele, a história é interessante. No simpósio que nós fizemos de esquistossomose em Belo Horizonte, que foi o 3º, o 2º simpósio, ele...

NA: Desses internacionais?

NK: É. Dos internacionais, em 89. Ele foi lá e, que nós convidamos para ele falar, ele é muito bom, trabalha há muitos anos em Londres em esquistossomose, e ele apaixonou pela minha secretária. E a secretária não falava uma palavra em inglês e nem ele uma palavra em português. Mas aí ele começou a ligar para ela toda semana de Londres. E não sei como eles conversavam porque...

NA: Conversavam o que?

NK: Mas conversava. De algum jeito conversava. Bom, o que aconteceu? Passado um tempo ele começa a escrever que queria voltar. Um belo dia ele chega lá para ver a moça. Ele tem uma história complicada prévia...

NA: Na Inglaterra?

NK: ... na Inglaterra. Ele tem uma filha da primeira esposa, separou, estava com a outra, com a filipinense, e também estava mal com ela. Então veio embora para ficar com a secretária. E aí ia trabalhar na Funed, que o Vinícius tinha arranjado para ele lá. Aí conversei com ele tá, tá, tá. Eu falei: “Fica aqui. Aqui você vai ter mais campo. Te dou um laboratório. Você começa trabalhando aqui”.

NA: Ele entrou como pesquisador visitante?

NK: E entrou como pesquisador visitante. E ele aceitou. Porque tinha relação com o Gazzinelli, com o Rodrigo, comigo, então ele preferiu ficar no... Eu conversei com o Diniz também para não deixar mágoas. O Diniz não se opôs. Então ele foi para lá. E aí, passado um ano, ele briga com ela, com a secretária, apaixonou por uma outra estudante que trabalhava no meu laboratório, que é a filha do professor Cançado, J. Romeu Cançado, que trabalha em Chagas, e casa com ela.

NA: Nossa! Rapidinho.

NK: Rapidíssimo. E já tem uma menina e a Catarina já está grávida, esperando outra menina. A primeira chama Vitória, não sei em homenagem a que, mas chama Vitória. E a segunda não sei como é que vai se chamar. Então essa é a história da vinda do Simpson ao Brasil. Foi uma grande paixão.

NA: Mas que redundou para você em trabalho...

NK: Em trabalho e que ele é inteligentíssimo. Ele é um pesquisador excepcional.

NA: É só uma pergunta: como é que o australiano entrou nessa história?

NK: Porque ele ouviu o trabalho...

NA: Ah, sim, você apresentou esse trabalho.

NK: A Miriam apresentou. A Miriam apresentou no simpósio.

NA: Aonde?

NK: Aqui no Rio.

NA: No internacional?

NK: É. No internacional. Quando ele viu o negócio que tinha dado atividade em fascíola e tal, isso inclusive pode ter problema com a patente por causa da apresentação. Porque você não pode dar divulgação pública. Mas como não foi dito o que é, foi dito só um resumo mais ou menos. Então parece que isso pode passar. Não teria maior problema. Mas isso é da falta que a gente tem mesmo de saber o que a gente pode falar, o que não pode falar, que aplicação pode ter e pode não ter.

NA: É. Porque esse processo também é recente, mas acho que mais importante do que isso é a mentalidade dos pesquisadores que você estava falando.

NK: É. Então o que nós fizemos? Nós criamos depois de algum tempo um laboratório de biotecnologia, ou melhor, de biologia molecular...

NA: Lá?

NK: É. E que o Simpson passou a ser o chefe. Aí começou a produzir demais, quantidade de estudante demais. E, lamentavelmente, porque nós nunca pudemos contratá-lo oficialmente, quer dizer, só podia ter a bolsa, e a bolsa não é isso, o Ludwig faz uma proposta para ele de ganhar, sei lá, duas, três vezes o que ele ganhava lá, e ele aceitou e mudou para São Paulo. E aí nós tivemos que juntar os laboratórios outra vez e o laboratório agora está no laboratório de parasitologia molecular e celular, porque não tinha ninguém sênior para ficar como...

NA: No lugar dele.

NK: No lugar dele. Embora ele tenha deixado vários estudantes que, dentro de algum tempo, vão poder, seguramente, chefiar o laboratório. Mas enquanto isso não acontece, juntou tudo num laboratório só. E continuam trabalhando e estão com esse projeto de genoma do parasita, que tem financiamento do PAPES para comprar o analisador, foi 80 mil dólares, 85 mil dólares, foi dado pelo PAPES para fazer isso. Já tem 1.500 genes determinados, com estrutura determinada. Então está indo, está indo muito bem o projeto.

NA: Por aí que você explica a produtividade do René Rachou em relação ao IOC? Que você estava dizendo que até hoje é melhor.

NK: Eu acho que tem várias coisas. Tem várias coisas. Uma das coisas eu acho que é a administração. Então, por exemplo, quando eu assumi aquilo era tudo separado, absolutamente...

NA: Você assumiu...?

NK: Eu assumi tem 11...

NA: Quantos mandatos?

NK: Quase 11 anos. Terceiro.

NA: Terceiro mandato.

NK: Terceiro mandato. Então quase 11 anos. Então é assim: você tinha três prédios, um na frente, dois na lateral. E não se comunicavam. Eles eram absolutamente separados. Eles eram separados e os pesquisadores também se comportavam como tal, geograficamente determinado. Consegui com o reitor da época, que era meu amigo, nós tínhamos trabalhado juntos com Caio Benjamin Dias no ambulatório de esquistossomose, era o Cid Veloso. Consegui que ele colocasse um arquiteto por seis meses lá, que é o arquiteto que tinha trabalhado no ICB. Então que tinha essa experiência.

NA: Biológica.

NK: É. Então o Ricardo França foi lá trabalhar de graça. Quer dizer, de graça, com salário da universidade, não mais do que isso. Durante seis meses ele ficou lá. E eu combinei com ele: “Olha, nós vamos fazer o seguinte. Vamos fazer um planejamento aí para 10 anos. O que nós temos que fazer? Eu quero juntar os prédios todos, quero construir, quero fazer isso, tal, tal, tal, mas não vou poder fazer isso imediatamente”. Então nós podemos construir aqui, depois aqui, depois aqui. Então num certo prazo nós fizemos o projeto todo. E ele fez isso. Integrou tudo, tal. Aí na época do Arouca, eu consegui que fosse feito um prediozinho de dois andares, que já ligava um prédio com os outros dois e uma passarela para ligar com o 3°. Então pelo menos, minimamente, nós estávamos ligados...

LF: Juntos finalmente.

NK: Finalmente. Juntos finalmente (*risos*). E houve uma melhora, porque com esse prédio novo criaram-se mais salas, houve um espaço maior, etc, etc. E quando estavam prontos esses dois andares, que era só para fazer isso, um belo dia eu cheguei andando no telhado do segundo andar: “Pô, mas essa área é enorme. Por que a gente não levanta uns pilarzinho aqui. No lugar de por o telhado aqui embaixo, a gente põe o telhado três metros acima?” Na inauguração o Arlindo quis me matar, porque eu tinha cometido um crime lesa-pátria de ter feito mais um andar. Mas eu descontei, porque na hora da inauguração estava todo mundo lá presente, elogiei muito o Arouca, que tinha dado o negócio, o Morel, que tinha colaborado, e meti o cacete no Arlindo. Brincando, mas...

NA: O Arlindo era vice-presidente?

NK: Era vice-presidente de desenvolvimento. Mas dificultou o negócio. Não precisava porque era bobagem. Porque o que é que eu fiz no terceiro andar? Eu quis fazer uma área de convívio para os funcionários.

NA: Isso é importante..

NK: Mas não tinha. Mas tinha que ter. Um lugar onde você pode ver televisão, jogar sinuca, almoça, bate um papo.

NA: Um ambiente maravilhoso (*risos*).

NK: Um negócio que minimamente você se encontra, também para integrar o pessoal. Que a ideia é só de... Quer dizer, você tem que encontrar com seus colegas, que você conversa. Pode ser de serviço, pode não ser de serviço. Você vê lá uma porção de mesas conversando coisas de serviço.

NA: Aquele prédio é dos anos 40? 50?

NK: 50. Foi na época. Ele foi feito para ser o INERu. Pelo Amilcar. O Amilcar foi convidado para ir para Recife e ele não aceitou. Ele não queria sair da UFMG. “Mas se fizerem em Belo Horizonte, eu assumo a chefia”, disse. Aí com o Negrão de Lima, Otacílio Negrão de Lima, que era o prefeito na época, conseguiu aquela doação do terreno para o Ministério da Saúde e o ministério construiu.

NA: Construiu o prédio?

NK: É. Bom, o que nós fizemos? Nós integramos isso, nós fizemos esse andar de convívio social e fizemos esse de baixo que integrava o negócio. E agora, na época do Hermann, do Raichman, conseguimos aprovação de um prédio de seis andares que foi feito em cima do prédio velho, parte em cima do prédio velho e atrás com seis andares. Então acabou a parte de construção e aí sim, agora, nós estamos com uma área muito boa, aumentamos muito a nossa área, dobramos nessas duas construções, dobramos a área que nós tínhamos e aumentou muito o número de pesquisadores e de estudantes. Na época, quando eu assumi, tinha em torno de 80, 90 pessoas. Hoje nós somos 220.

NA: O intercâmbio com a universidade continua?

NK: Continua igualzinho. Continua igualzinho.

NA: Os estudantes estão vindo da universidade?

NK: É. Da universidade e agora muito do instituto, do curso de biologia parasitária e molecular daqui do IOC. Porque nós somos credenciados para dar os cursos lá e orientar tese.

NA: Eles vão lá?

NK: Os de lá ou os daqui podem ir lá fazer a tese lá ou fazer...

NA: Ou fazer aqui.

NK: ... ou fazer aqui.

NA: Faz aqui ou faz lá.

NK: Ou lá. Que também pode. Porque esse curso aqui também é bem bolado, de biologia molecular. Porque você não tem que fazer crédito aqui, você não é obrigado. Você pode fazer em qualquer lugar. E depois defende a tese. O que é muito bem bolado. E isso...

NA: Quem criou isso?

NK: O Elói e... o... acho que Renato.

NA: Renato Cordeiro? Ele é que coordena até hoje?

NK: É. Hoje é o Renato. Mas na concepção inicial acho que foi o Elói. E foi muito bem, muito bem bolado isso. Muito bem bolado.

NA: A produtividade do centro você acha, porque...

NK: Ela é muito grande.

NA: Ela aparece em tudo que é lugar.

NK: É. Mas ela é grande, porque ela é, em relação ao número de pesquisadores, ela é muito grande. Entendeu?

NA: Pois é. Porque se você comparar o número de pessoas do IOC aqui...

NK: Exatamente. Com a produção, é menor, é menor.

NA: É muito baixo.

NK: É baixo. Mas por que? Aí nós temos vários critérios. Primeiro é isso. As coisas são planejadas. As coisas são feitas planejadamente lá no René Rachou. Então nós reunimos: “O que nós vamos desenvolver? O que nós vamos fazer?” “Então vamos fazer um laboratório de epidemiologia, um de biologia molecular e um de produtos naturais”. Essa foi decisão coletiva. É? É. “Então vamos identificar”. Aí se identificam as pessoas. Depois que você identifica as pessoas é que você cria o laboratório. Como esse agora saiu... O negócio acabou o laboratório. Quer dizer, não existe o faz de conta. Aqui você pega departamentos que têm duas pessoas: marido e mulher. Tem dois que são assim. Então é raro. Não existe! É mentira! Quer dizer, isso não poderia ser nem um laboratório e é um departamento! Mas é de nome. Está entendendo? Então, lá não tem isso. Não tem. Só tem quando existe, efetivamente, o sênior que vai tomar conta. Então você diz onde você quer crescer...

NA: Mas essa orientação foi impressa por você?

NK: É. De 10 anos para cá.

NA: Antes de você?

NK: Antes era o Zigman. Que não teve um crescimento, o centro não teve um crescimento grande. Ele era produtivo, porque sempre teve gente boa lá nos laboratórios. Mas ele era muito doméstico. Eram quatro pesquisadores titulares.

NA: No centro?

NK: É. Que a gente resolvia tudo assim na mesa.

NA: Sentavam os quatro no cafezinho. (*risos*)

NK: Tomando cafezinho. Era eu, João Carlos, o Zigman e o Gazzinelli. E mesmo assim o Gazzinelli veio convidado. Foi uma coisa boa que o Zigman fez foi convidar ele, ele aposentou da universidade, convidou para ele ir para lá. E foi ótimo, porque deu um impulso na imunologia espetacular, que não tinha. Tinha dois computadores. Hoje nós temos 110! Hoje nós damos curso de computador. Hoje estamos fazendo a rede. Entendeu? Quer dizer, não tinha nada a ver, não tinha essa visão do...

NA: De administração científica.

NK: É. E hoje tem. E é discutido assim claramente, o orçamento é discutido: “Ó, só temos dinheiro... Vamos usar em que?” E deixa o pau quebrar lá. Vaga foi a mesma coisa. “Temos tantas vagas. Para onde que vão?” “Eu quero”, “Eu quero”. “Ó, não dá para todo mundo. Qual que é o critério?” Você vai ter porque você tem menos. Você vai ter porque você tem um projeto importante. Quer dizer, tem que tirar os critérios. Eles têm que ser aceitos pela maioria. Na hora que são aceitos pela maioria, passam a ser resolução. Como se discute mais vamos cumprir. E isso eu acho que permitiu o Centro, cresceu muito. Cresceu em produção muito, cresceu em orçamento, cresceu em dinheiro. Cresceu em tudo. Entendeu? E está bem. O Centro hoje está bem. Esse ano já tomamos uma deliberação até pelo contrário. Eu propus que reduzisse à metade o número de iniciação científica.

LF: Tirar o...

NK: É. Porque está demais. Nós somos 220 pessoas. Vai fazer concurso agora, vão entrar mais 15 pessoas. Daqui a pouco não cabe ninguém. E vamos fazer, vamos inverter. Em lugar de ter muita iniciação científica vamos ter mais doutor, pós-doutor e menos iniciação científica. E foi aprovado. Mas também só se for aprovado que passa. Então hoje cada laboratório só pode ter duas iniciações e um aperfeiçoamento. A critério deles. Só duas. Só duas. Dois laboratórios reclamaram que não podiam, não podiam. Então nós demos durante um prazo eles podem ter quatro. Só dois laboratórios. Então tem quatro. Então o total vai ser 28. Tinha 56. Então reduzimos à metade. À metade. Agora, vamos aumentar pesquisador visitante, vamos aumentar doutorado. Isso não tem limite. Porque o limite é dado pela própria capacidade sua de orientar. E nós queremos inverter. Então vamos investir mais em qualidade do que em quantidade.

NA: E estudante de doutorado te exige muito mais do que...

NK: Muito mais. Então, chegou na reunião dos CDs queriam me meter os ferros. Dois companheiros de outras unidades começaram: “Você está cortando a carreira científica. Você não vai ter jovem”. Eu falei: “Não. Não estou cortando nada. Só que em lugar de ter quatro por laboratório, eu vou ter dois. E aí você tem até critérios para escolher”. Porque tinha um laboratório lá que tinha 10 estudantes de iniciação científica. Claro. A produção desse laboratório é o que? Zero. Eu fiz um levantamento. E é outra coisa que a gente faz. Todo ano a gente faz um levantamento de toda a produção coletiva e individual. Isso para o relatório que eu mando para cá não entra o individual. Mas lá não, eu apresento para todo mundo. Aí põe todo mundo na sala. Aí começa a vir zero, zero, zero. Ó, daqui para baixo é zero. Aí está lá o nome de quem não publicou nada.

NA: E quem não publicou?

NK: Aí cinco minutos depois entra o primeiro na sala: “Naftale, eu queria te dizer que eu tive esse problema assim assim”. Eu falei: “Tudo bem. O que eu posso fazer para te ajudar, resolver seu problema?”

Fita 4 - Lado B

NK: Hoje que você é obrigado a apresentar o plano de objetivos e metas e o que você conseguiu no fim do ano. Aqueles que não conseguiram nada, aqueles que não fizeram... Não acontece nada. Está errado.

LF: Vão na onda dos que fizeram.

NK: Mas está errado. Entendeu? Quer dizer, tem que ter um mecanismo em que seja, você tenha as *benesses* mas você seja penalizado de alguma maneira. Porque não é possível um cara ficar numa instituição de pesquisa anos, não publicar nada, não produzir nada e não acontecer nada com esse cara. Quer dizer, isso está errado! Isso não se discute. Você só discute o contrário. Você tem que dar facilidade para o cara... Tudo bem. Isso é verdade. Mas e se o cara não responde? E não corresponde?

NA: Isso não passa no CD não? CD daqui.

NK: O CD daqui agora já evoluiu. Você escuta o que você prometeu. Depois no outro ano você escuta o que foi feito ou o que não foi feito. Mas quando não foi feito ou foi...

NA: A necessidade de...

NK: Não. De nada.

NA: Cobranças?

NK: Ainda não. É possível que agora, com o contrato de gestão, tenha. Mas aí você cai num negócio. Se também é só o negócio da estabilidade, você não tem como punir o funcionário. Você não pode mandar o cara embora por falta de produção. Que isso não está no RGU. Não está. Agora, você pode admitir que o cara não te roubou nada. Não te xingou, quer dizer, não teve improbidade administrativa nem agressão, nada. Mas ficou lá 20 anos e não publicou um trabalho. E está bom? Isso não é crime. Isso não tem penalidade dentro do código.

NA: Você acha que esse é um padrão da Fiocruz? Do IOC?

NK: Eu acho que tem muita gente assim.

NA: Muita gente assim?

NK: Muita gente assim! Eu conheço gente que foi fazer doutoramento, levou seis, sete anos, não aparecia aqui. Não vinha aqui. Que estava com licença de fazer. Quer dizer, se eu te perguntar quem são as pessoas que freqüentam aqui ou não freqüentam, minimamente você não sabe. Não tem nenhum registro de freqüência. Lá nós temos. Não

que você obrigue o cara a entrar e sair, tem que entrar às oito e sair às seis horas. Não existe isso. Mas você tem que saber que ele entrou e que ele saiu.

NA: É isso é....

NK: Você tem que ter um sistema que você avalie o cara. Saber se está, se não está, porque que está, porque que não está. O cara some e você vai deixar ele sumido? “E está tudo bem?” “Tem um mês que ele não vem cá”. “Então onde é que esse cara está?” “Não sei”. Como tem aqui gente que estava ganhando e tem dois anos que não aparece aqui. E estava recebendo salário todo mês.

NA: Pesquisador?

NK: É. Estava na Tunísia.

NA: Estava fazendo o quê? Pesquisando?

NK: Não. Casou.

NA: Ah, foi isso?

NK: E foi para lá e está recebendo aqui normal. Quer dizer, pode?

NA: Você é completamente favorável ao contrato de gestão...

NK: Sou. Totalmente. Totalmente. Totalmente. Eu acho que tem que ter... Porque você tem que ter alguma cobrança.

NA: Você acha que esse é um mecanismo de...

NK: De cobrança. E de desenvolvimento.

NA: Compromisso profissional.

NK: Compromisso. Desenvolvimento da instituição. Claro. Você dá e cobra. Porque não pode ser só de uma mão. Eu só dou e não levo nada? A instituição tem que ter uma... E isso é o governo. A verba, o nosso orçamento é para qualquer padrão no mundo. Quando você fala o que a Fiocruz tem, os americanos não acreditam no primeiro momento. Eles assustam. Porque isso é muito dinheiro, especialmente para um país subdesenvolvido.

NA: Não pode acontecer o que aconteceu com o caso da vacina. Com tanto orçamento, como é que acontece essa história da vacina? Como é que você explica essa história?

NK: Essa não foi nada. Tem coisa muito pior. E não acontece nada. Nada. Isso eu sou totalmente contra! Totalmente contra! E eu acho que com essa gestão, agora aí tem uma coisa interessante da Fiocruz. Ela se antecipou. Ela que propôs agência autônoma. Não foi o MARE. Ela é que propõe esse modelo. É claro que tem que flexibilizar uma série de coisas: pessoal, orçamento, compra, etc, para também poder permitir que isso funcione. Mas ao mesmo tempo ela tem que se comprometer. Caso não funcione então vai cair a tal

administração, o cara vai perder o cargo de confiança, o cara vai ter que ter algum tipo de punição para ele também. Mas eu acho que está no bom caminho. Está no bom caminho.

NA: Eu estou assim achando que a gente pode encerrar. E a última questão é a seguinte: Como é que três mandatos, 10 anos, não é isso, como é que carreira científica convive com administração científica? Abandonou o laboratório? Vai de vez em quando? Como é que é?

NK: Aí nós fizemos uma coisa também...

NA: Escreve?

NK: ... nós fizemos uma coisa que só nós temos.

NA: Nós é René Rachou?

NK: René Rachou. Nós temos diretor e o vice-diretor. O vice-diretor assina todos os papéis, que não são poucos, dentro da Fiocruz. O diretor discute os grandes problemas, dá orientação, participa da administração. Sei tudo que acontece lá dentro, participo de todos os acontecimentos, mas não tenho nenhuma rotina de assinatura de processo, diárias não têm que passar na minha mão, nada disso tem que passar. Nada. Eu não tenho rotina.

NA: Com isso...

NK: Com isso eu fico no laboratório. Nem desci para ficar na sala da diretoria. Não quis sair da sala do laboratório. O vice-diretor é que faz...

NA: Quem é o vice-diretor?

NK: O Omar.

NA: Mas ele é uma pessoa da carreira científica também?

NK: Ele também é da carreira científica, só que não é muito produtivo. Ele é melhor administrador do que pesquisador. Mas já era antes. Quer dizer, não foi a escolha para administração que atrapalhou. Não. Ele agora é muito bom administrador. E era um pesquisador médio e continua... Também não caiu a produção dele. Continua o que era, que é média ou pequena. Continuou. Mas essa separação eu acho que é fundamental. Porque se tivesse que assinar todo dia 20 processos, eu estava liquidado. Aí não tem jeito de fazer pesquisa. Então tem que, vir para cá discutir essas reuniões. Isso é importante.

NA: Mas isso você vem?

NK: Isso tem que vir. Não tem jeito. Isso é obrigatório fazer. E muita reunião lá também com o pessoal que nós fazemos constantemente e reunião com o pessoal da administração também. Cobrando, porque o pessoal vem reclamar...

NA: Eu não entendi. Você falou que são 220 pessoas ou pesquisadores?

NK: Não. Pessoas.

NA: No centro todo?

NK: No centro.

NA: Pesquisadores você tem o número?

NK: Agora não sei se são 34 ou 43. Acho que são 34. 34 pesquisadores.

NA: 34. Depois os técnicos...

NK: Os técnicos. Muito estudante.

NA: Muito estudante.

NK: De doutorado. Muito estudante de mestrado, doutoramento. Tem muito...

NA: É um número pequeno de pesquisadores.

NK: É.

NA: Dá para você reunir, sentar, discutir...

NK: E conversar. Exatamente.

NA: É mais fácil.

NK: Ainda é muito... Ainda é pequeno. E nós não queremos crescer muito também não. Mesmo porque agora não tem mais espaço físico.

NA: Os prédios estão cheios.

NK: Não. Lá acabou. Lá acabou. E agora qualquer coisa que vem falar de construção é o próximo diretor. Esse acabou.

NA: Você ainda vai construir outro prédio. (*risos*)

NK: Eu não quero construir mais nada. Eu acabei.

NA: Eu ia te perguntar. Como é que está o regimento de vocês e como é que fica a tua substituição?

NK: Tem candidatos. Tem pelo menos dois indivíduos bons que podem assumir a chefia. E a minha opção é voltar para o laboratório. Não quero a chefia do laboratório. Não aceito. Vou ser pesquisador outra vez até o ano 2000. No ano 2000 vou pensar o que eu vou fazer da vida.

NA: Você vai aposentar...

NK: Já estou aposentado desde o ano passado. Aposentei para poder garantir as benesses que a lei ainda permite. Mas no ano 2000 vou ver se aposento, efetivamente, da carreira de pesquisador ou não. Aí vamos pensar. Não sei. Não sei. Nessa altura planejar para quatro anos é ser otimista. Começa já a ser otimista.

NA: Até porque essa tua sucessão é o que? Só ano que vem?

NK: É.

NA: É no final?

NK: No final do ano que vem.

NA: Ainda tem tempo.

NK: Mas eu já fui reconduzido. Já fui reconduzido e não quero mais. Acabou. Então, e na realidade vou voltar a ser pesquisador. Não quero ser mais chefe de nada. Porque tem gente boa para chefiar o laboratório. Espero, aí também *off the records* que o (ruído) (inaudível) aumenta o salário dela. Entendeu? Porque precisa. É um incentivo para... e ela é nova. Ela vai crescer. Ela é muito boa pesquisadora. Menina inteligente, muito séria, muito esforçada. Acho que está bem. E no ano 2000, no próximo século, vamos ver o que a gente...

NA: Eu queria agradecer muito a tua entrevista. Queria saber se você doa aqui, ao vivo, para a gente no gravador a cessão de direitos autorais...

NK: Claro.

NA: ... desse depoimento da Fiocruz...

NK: Claro.

NA: ... para a Casa de Oswaldo Cruz. Não diga que sim senão não vale...

NK: Digo que sim. E não precisa dar um terço dos *royalties*.

NA: Está bom, Naftale, muito obrigado.